

JOSÉ ORTIZ CAMARGO NETO

PSICO-SÓCIO-TERAPIA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

**INPG – INSTITUTO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
UNIKP – UNIVERSIDADE LIVRE KEPPE E PACHECO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA
PSICO-SÓCIO-PATOLOGIA**

SÃO PAULO

2013

JOSÉ ORTIZ CAMARGO NETO

PSICO-SÓCIO-TERAPIA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Monografia apresentada como exigência para a conclusão do Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Gestão da Psico-Sócio-Patologia perante a Faculdade INPG e o INPG – Instituto Nacional de Pós-Graduação e a UNIKP – Universidade Livre Keppe e Pacheco, sob a orientação do Prof. Me. Ricardo Alves de Lima.

SÃO PAULO

2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

INPG – INSTITUTO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO

UNIKP – UNIVERSIDADE LIVRE KEPPE E PACHECO

PSICO-SÓCIO-TERAPIA ATRAVÉS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Monografia apresentada pelo aluno **José Ortiz Camargo Neto** ao Curso de Pós-Graduação lato sensu em Gestão da Psico-Sócio-Patologia.

Orientador: Prof. Me. Ricardo Alves de Lima

Aprovada com a nota _____

SÃO PAULO

2013

DEDICATÓRIA

À humanidade, para que possa libertar a sua consciência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os grandes gênios, artistas, filósofos e santos da humanidade, que iluminam nossos caminhos, principalmente a Norberto Keppe (que os cientificou) pelo afeto e profunda ciência fundamental da psico-sócio-patologia que traz ao mundo, sem a qual não conseguiríamos entender a causa das causas do que se passa na sociedade e nos meios de comunicação; a Cláudia B.S. Pacheco, por sua genial obra em ressonância com a de Keppe, e pela criação deste curso de aplicabilidade urgente no mundo moderno; aos professores do Curso de Gestão em Psico-Sócio-Patologia, pelas aulas inesquecíveis, especialmente ao prof. Ricardo Alves de Lima, pelas orientações na elaboração do TCC, e à profa. Eunice Souza Guimarães, pelo acompanhamento do curso durante seus dois anos de duração; aos jornalistas José Ortiz de Camargo, meu avô, e Vicente Ortiz de Camargo, meu pai, por seu amor e exemplo, que nos instruíram nas comunicações; a minha mãe Marina da Coll, luz inapagável de nossa vida; e agradeço, enfim, a minha esposa, Maria de Lourdes de Moraes, pela força, ajuda e incentivo na realização deste trabalho.

“Criamos trevas ao nosso redor, e estamos agora tateando no escuro; mas é possível sair dessa situação através da percepção da inveja, para que possamos enxergar novamente o que realmente existe.”

(KEPPE, Norberto. *Trabalho e Capital*. Proton Editora, São Paulo, 1989, p. 13).

RESUMO

Este trabalho constitui um estudo psico-sócio-patológico da história dos meios de comunicação de massa, ou melhor, uma análise dos motivos por que veículos de grande influência no cotidiano do povo (rádio, televisão, revistas, cinemas, jornais) passaram a constituir preponderantemente um impedimento à consciência e bem-estar do ser humano e da humanidade, desviando-se de seu propósito inicial de difundir notícias, artes e cultura e o livre debate de idéias entre a população.

À luz do paradigma da ciência da psico-sócio-patologia, criada por Norberto Keppe, estuda-se a presença da psicopatologia (inveja, censura, teomania e inversão) na mídia, e como isso atrapalha a visão objetiva da realidade; dá-se ênfase à patologia do poder econômico, que paulatinamente concentrou nas mãos de poucos indivíduos de poder internacional o controle da maior parte dos veículos, que passaram a ser usados para doutrinar (enganar) o povo conforme seus interesses.¹ Esta é a principal condição patológica que encontramos hoje (2013).

No quarto e último capítulo apresentam-se realizações práticas ilustrativas de como é possível realizar uma ampla psico-sócio-terapia (terapia individual e social) através dos meios de comunicação, desde que se voltem para conscientizar a população daquilo que ela mais precisa conhecer: a patologia individual e social, suas causas profundas e o caminho para haver um retorno à sanidade possível.

PALAVRAS-CHAVE : meios de comunicação; mídias e psico-sócio-terapia; mídia independente.

¹ Tese apresentada por Norberto Keppe em seu livro “A Libertação dos Povos – A Patologia do Poder” (São Paulo Proton Editora, 1987), no capítulo “Meios de Comunicação no Poder”.

ABSTRACT

This paper is a study on the psycho-socio-pathology of the means of mass communication history, or rather, an analysis of the motives why the media with great impact on people's everyday life (radio, television, magazines, movies, newspapers) have become mainly a hindrance to human being's and humanity's consciousness and well-being, in a deflection from their initial purpose of disseminating news, arts and culture, and at the same time preventing the public from engaging in a free debate of ideas.

It tackles the presence of psychopathology of the media under the paradigm of Norberto Keppe's created science of psycho-socio-pathology (envy, censorship, theomania and inversion) and shows how such psychopathology mixes up an objective vision of reality. The paper highlights the pathology of the economic power, which has gradually concentrated the control of most media in the hands of a few individuals with international power, those media of mass communication being then used with the purpose of doctrinating (deceiving) the public according to the vested interests of that small group.² This is the main pathological scenario found in society at this moment (2013).

The fourth and the last chapter bring practical initiatives to illustrate that one-to-one and social psycho-socio-therapy can be carried out through the means of mass communication by conscientizing the public of what it mostly needs to be aware of: individual and social pathology, their root causes and the way to a possible return to sanity.

KEYS WORDS: media; media and psycho-socio-therapy; independent media.

SUMÁRIO

² According Norberto Keppe's thesis at his book "Liberation of People – The Patology of Power" (São Paulo, Proton Publish House, 1987).

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – Evolução Patológica dos Meios de Comunicação:	
Da Imprensa do Povo para a Imprensa do Poder	14
1.1 Historicidade da Patologia.....	14
CAPÍTULO 2 – Psico-Sócio-Patologia e os Meios de Comunicação	
2.1. Psico-Sócio-Patologia: Definição e Contextualização	18
2.2 A Psicanálise Integral	19
2.3 A Medicina da Alma	21
2.4 A Trilogia Analítica.....	21
CAPÍTULO 3 – Manifestações da Psico-Sócio-Patologia	
no Indivíduo e na Mídia	23
3.1 A Censura	23
3.1.1 Definição	23
3.1.2 A Censura no Indivíduo	23
3.1.3 A Censura Como Centro das Neuroses	23
3.1.4 A Censura na Mídia.....	25
3.1.4.1 Casos Reais de Censura.....	30
Caso 1.....	30
Caso 2.....	30
Caso 3.....	31
3.2. A Teomania (Megalomania)	33
3.2.1 Definição	33
3.2.2 A Teomania no Indivíduo, o Estresse e as Doenças Mentais e Orgânicas	34
3.2.3 A Teomania nos Meios de Comunicação	37
3.2.3.1 Casos Reais de Teomania	37
Caso 1.....	37
Caso 2.....	38
3.3. A Inveja (Ataque ao Bem)	38

3.3.1 Definição e Contextualização	38
3.3.2 A Inveja Individual e a Psicopatologia	39
3.3.3 A Inveja nos Meios de Comunicação	40
3.3.3.1 A Escola Base e o Padre Lancelotti	40
3.4 A Inversão	41
3.4.1 O Que Significa Inversão.....	41
3.4.2 A Inversão Individual e as Doenças Psicorgânicas	42
3.4.3 A Inversão na Mídia.....	43
3.5 A Patologia do Poder e os Meios de Comunicação	44
3.5.1 Entendimento dos Problemas da Mídia Sob a Patologia do Poder	44
3.5.1.1 Elogio Constante aos Poderosos	45
3.5.1.2 Assuntos Vitais não Cuidados.....	45
3.5.1.3 Colocação do Planeta em Perigo de Destruição	45
3.5.1.4 Perda de Contato com o Povo	45
3.5.1.5 Impedimento à Conscientização	46
3.5.1.6 A Hora da Mudança.....	46
3.5.1.7 Propostas Keppeanas para Solucionar os Problemas	46
 CAPÍTULO 4 Psico-Sócio-Terapia Pelos Meios de Comunicação	48
4.1 Contextualização da Psico-Sócio-Terapia.....	48
4.1.1 A Psicoterapia (Conscientização Individual).....	48
4.1.2 A Socioterapia (Conscientização Social).....	51
4.1.3 Experiências Concretas de Terapia pela Comunicação	54
4.1.3.1 O Livro-Terapia	54
4.1.3.2 Palestras e Leituras Terapêuticas	55
4.1.3.3 Programas de Rádio e TV Terapêuticos	55
4.1.3.4 O Ensino-Terapia	56
4.1.3.5 O Jornal Terapêutico STOP	56
 CONCLUSÃO.....	61
REFERÊNCIAS.....	64
ANEXOS	65

INTRODUÇÃO

O tema deste estudo, além de abranger um breve histórico dos meios de comunicação de massa, refere-se à análise psico-sócio-patológica da atuação das principais mídias modernas (rádio, televisão, revistas, cinemas, jornais) no Brasil e em alguns outros países, à luz do paradigma da ciência da psico-sócio-patologia, criada por Norberto Keppe.

Para a consecução desta análise, utilizaram-se a pesquisa bibliográfica e em sites especializados na internet, entrevistas com comunicadores internacionais e a própria experiência de trabalho do autor como psico-sócio-terapeuta formado pela SITA³ e como jornalista diplomado e atuante em jornais diários, rádio e televisão, no Brasil e no exterior.

A pesquisa contempla três capítulos, sendo o primeiro uma consideração sobre a evolução histórica e patológica dos meios de comunicação, desde a invenção da imprensa por Guttemberg, na Alemanha até os dias atuais.

Esse capítulo trata da paulatina patologização sofrida pelos veículos, que passaram por três fases distintas. Inicialmente, ligados à evolução gráfica, eram uma forma de difundir conhecimentos teológicos, filosóficos ou artísticos, que estavam confinados nos mosteiros ou palácios, nas mãos dos religiosos e copiadorees. Foi uma fase muito bonita, levando ao maior número possível de pessoas as mensagens profundas da filosofia greco-romana e da sabedoria judaico-cristã, que são fundamentais para o povo, e hoje as mídias quase não divulgam mais (e até criticam) como se a população já não se interessasse mais por esses assuntos.⁴ Qualquer pessoa pode sentir a diferença entre ler “Da Brevidade da Vida”, de Sêneca, e assistir a um programa de auditório da TV aberta brasileira.

Numa segunda fase, os meios de comunicação passaram a divulgar notícias interessantes, diários de viagens, contos e novelas de célebres escritores, substituindo as cartas que eram escritas por literatos aos nobres para informá-los do que se passava.

³Sociedade Internacional de Trilogia Analítica (Psicanálise Integral)

⁴ Tal ideia constitui uma falácia, pois, durante a ditadura militar no Brasil (1964-1988) os jornais começaram a publicar artigos de Locke, Rousseau, Montesquieu, Platão, no lugar das matérias censuradas, causando grande empolgação entre os leitores, que passaram até a colecionar os exemplares assim publicados.

Finalmente, com a ampliação da liberdade de imprensa concedida em diversos países, (a Suécia foi o primeiro deles), nos Estados Unidos da América, e mesmo no Brasil, após a Independência, serviram para a propagação das mais diferentes ideias, crenças e convicções; estavam espalhados e diluídos nas mãos de muitos pequenos e médios proprietários diferentes, refletindo a pluralidade de plataformas políticas as mais diversas. Não quer dizer que não tenha havido censura: jornais eram invadidos e empastelados pelas facções rivais, mas, ao menos na parte política, havia certa liberdade. Esse período (dessas três fases iniciais) foi a parte mais saudável da história dos meios de comunicação.

Paulatinamente, esses meios de divulgação foram sendo controlados pelos anunciantes e finalmente adquiridos pelos poderosos da economia, concentrando-se nas mãos de poucas pessoas com poder global (como os grandes banqueiros internacionais) que passaram a usar a mídia para doutrinar o povo conforme seus interesses (KEPPE, 1987). Esta é a condição patológica que encontramos hoje (2013), quando a mídia passa a mentir diariamente, colocando-se contra a população.

O segundo capítulo contempla os aspectos da definição e contextualização da ciência da Psico-Sócio-Patologia, gestada na década de 1970 e desenvolvida até os dias de hoje (2013) pelo seu criador, o psicanalista e cientista social Norberto Keppe, ciência esta que estuda a doença psíquica (psicopatologia) correlacionada com a enfermidade da organização social (sociopatologia), causada, sobretudo pela patologia do poder.

No terceiro capítulo faz-se a análise de como a psico-sócio-patologia se manifesta no indivíduo e nos meios de comunicação, adoecendo-os e à coletividade. Abordam-se aqui as principais patologias: 1 A Censura; 2 A Teomania (Megalomania); 3 A Inveja; e 4 A inversão, com exemplos retirados da realidade jornalística cotidiana e da bibliografia especializada. No tópico 5 trata-se da patologia do poder econômico como principal enfermidade psico-social que contagia não somente a mídia mas toda a estrutura social dos países atingidos, em maior ou menor grau, por essa enfermidade.

No quarto e último capítulo apresenta-se como é possível realizar uma ampla psico-sócio-terapia (terapia individual e social) através dos meios de comunicação. Inicialmente apresenta-se o conceito de psico-sócio-terapia, mostrando-se como se

dá a psicoterapia trilogica (conscientização individual), assim como a socioterapia keppeana (conscientização social). Uma vez que a doença é a resistência à consciência da patologia, a saúde advém da aceitação da consciência. Assim é terapêutico o jornal que mostra, sem censura, os erros psíquicos e sociais (e, sobretudo os acertos, as obras de valor da sociedade), não permanecendo apenas no fenômeno, mas apontando as causas profundas e as soluções possíveis. Relatam-se experiências concretas de terapia psicossocial pela comunicação através de livros, palestras, leituras em grupo, programas de rádio e de TV, internet e ensino terapêuticos. Apresenta-se sobretudo o Jornal Terapêutico STOP a Destruição do Mundo e sua repercussão psico-social.

Finalmente, apresentam-se sugestões aos comunicadores de como podem fazer iniciativas midiáticas independentes, utilizando sobretudo os meios virtuais (blogosfera) para conscientizar as pessoas daquilo que elas mais necessitam ser conscientizadas: a psico e a sociopatologia, assim como a imensa sanidade disponível para quem decide aceitar a conscientização.

CAPÍTULO 1

Evolução Patológica dos Meios de Comunicação: Da Imprensa do Povo, para a Imprensa do Poder

1.1 Historicidade da Patologia

A história dos meios de comunicação de massa está ligada à própria evolução (e decadência) do ser humano e da civilização; dependeu, para seu progresso, de mudanças ocorridas na Europa, no século XV, trazidas pelo Renascimento e Reforma, pelas grandes navegações e descobrimentos marítimos portugueses, e pela invenção da imprensa, e da tinta de impressão por Gutemberg em 1447, assim como de outras tecnologias posteriores. Já para sua decadência, houve a interferência contínua da psico-sócio-patologia das pessoas e instituições com poder, no sentido de censurar a livre transmissão e debate de idéias, brechar seu alcance, até conseguir o poder econômico um controle maciço em nossos dias dos meios de comunicação de massa como jornais, revistas, televisão, cinema e rádios, mas, felizmente, ainda sem conseguir o mesmo na internet, que se tornou a mais ampla e plural difusão de idéias já conhecida na história da civilização.

Até a invenção da imprensa por Gutemberg, no século XV, o conhecimento se circunscrevia aos nobres e clérigos, através de livros manuscritos reproduzidos por copiadores, ou impressos com técnicas rudimentares, em pequena escala. A grande massa da humanidade era analfabeta e privada de conhecer pela leitura na fonte os trabalhos artísticos, filosóficos, teológicos e científicos existentes na época. As cartas, redigidas por escrivães ou literatos eram a principal fonte de informações enviadas aos nobres e pessoas do poder. Também circulavam volantes e gazetas manuscritas que apareciam e desapareciam sem uma circulação regular e eram vendidas nas ruas, semelhantes, em certa forma à literatura de cordel que permaneceu na cultura brasileira, sobretudo no nordeste do país.

Com o início do Renascimento, as descobertas marítimas e o contato com novos mundos, houve um grande interesse pelo conhecimento; com a Reforma (1517) de Martinho Lutero (1483- 1546) e seu posterior desenvolvimento, surgiu a idéia de que a Bíblia devia ser lida por todos, e não apenas pelos religiosos,

iniciando-se o processo de alfabetização das crianças para permitir essa leitura. Paralelamente, o primeiro livro impresso por Gutemberg na Alemanha, em 1455 foi a Bíblia de 42 linhas, preparando a difusão do conhecimento futuro. Lutero traduziu o Livro Sagrado para o alemão, tornando sua leitura mais acessível.

A civilização moderna surgiu com a Reforma e o Renascimento, quando Lutero mostrou que a verdadeira espiritualidade era um processo interno e Zwingli e Calvino lutaram para que toda a sociedade fosse beneficiada pela conduta religiosa do ser humano; vamos dizer que o cristianismo passou a ser vivido dentro de toda organização social, levando alguns países a se desenvolverem a um nível muito alto de progresso: Alemanha e Estados Unidos principalmente ((KEPPE, 1983. 2ª vol. p. 4).

Inicialmente, a nova invenção foi utilizada para publicação de textos religiosos, depois passou a incluir a literatura, até chegar à forma de jornalismo atual:

As mudanças econômicas, culturais e tecnológicas ocorridas na Europa, a partir do século XV; tais como desenvolvimento da metalurgia, o fabrico do papel e, principalmente, a explosão intelectual ocorrida com a Renascença; possibilitaram o surgimento das primeiras impressas. A produção dessas impressas foi inicialmente restrita a reprodução de manuscritos religiosos. Em 1476, William Caxton deu o primeiro passo na utilização da impressão como veículo para a promoção e divulgação da literatura, estabelecendo, na Inglaterra, a primeira tipografia. Caxton editou, imprimiu e distribuiu mais de 90 livros escritos em língua inglesa. (CHECHINI, 2012)⁵

Para Patricia Bandeira de Melo ⁶, com a invenção da máquina impressora por Gutemberg, o livro tornou-se o principal meio da informação circulante, surgindo depois outros impressos:

É interessante observar que o livro passou a ser o novo fio condutor das idéias. Filósofos, intelectuais e poetas passaram a expressar seus pensamentos em livros, fazendo suas idéias circularem na sociedade de forma mediada. Surgiram as primeiras impressões sobre a humanidade: as

⁵ Cechini, Izabel, Casa do Manuscrito http://www.casadomanuscrito.com.br/curio_07.htm (Acessado em 12/01.12).

⁶ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco

gazetas, com informações úteis sobre atualidade; os pasquins, folhetos com notícias sobre desgraças alheias; e os libelos, folhas de caráter opinativo. A combinação desses três tipos de impressos resultou, no século XVII, no jornalismo. (MELO, 2005).

Percebe-se um florescimento de iniciativas particulares tentando expressar suas ideias acerca do mundo, prestar informações, levar ao público trabalhos artísticos, filosóficos, históricos, refletindo a pluralidade social. O século XVII marcou o aparecimento de inúmeras publicações, como o jornal francês *Gazette de France* e o *Post Och Inrikes Tidningar*, lançado pela Academia Real da Suécia, o mais antigo jornal ainda em circulação no mundo.

O século seguinte marca o nascimento do jornal diário *Daily Courant*, na Inglaterra, seguido de outros do gênero na Espanha e Estados Unidos. Em 1788 foi fundado o jornal inglês *The Times*, o mais famoso do século seguinte. Em 1789 – 1799, no período da Revolução Francesa houve grande fertilidade de publicações.

Importante notar que enquanto tudo isso acontecia na Europa e nos Estados Unidos, cá no Brasil, desde sua descoberta em 1500 até o ano de 1808 era proibido publicar jornais, livros ou qualquer outro tipo de impresso. Segundo Mello (2005) as comunicações eram feitas pela sátira verbal, ou folhas volantes nas feiras, enquanto os padres em seus sermões transmitiam as notícias e davam conselhos à população. A legislação só mudou com a vinda da família real ao Rio de Janeiro, em 1808, fugindo da invasão napoleônica em Portugal. Mesmo assim, as primeiras publicações foram já sujeitas à censura:

Sob proteção oficial, a imprensa se iniciou no País de forma definitiva, somente a partir de 1808. A iniciativa da corte portuguesa se deveu à vinda de D. João ao Brasil, começando aí a chamada *Impressão Régia*. No início do século XIX, o surgimento do *Correio Braziliense*, editado em Londres por Hipólito da Costa, fez nascer a crítica contra o poder régio. Era o único veículo, à época, que mostrava as falhas da administração brasileira. (MELLO, 2005).

Importante notar que a publicação de Hipólito foi apreendida no primeiro número pela Corte Portuguesa, por ter caráter doutrinário, como o próprio jornalista afirmou. Porém, com a proclamação da Independência, os imperadores D. Pedro I e

D. Pedro II, que tinham espírito mais liberal e tolerante, concederam maior liberdade à imprensa, permitindo o aparecimento de veículos com diferentes linhas ideológicas:

Ao longo da história, a imprensa brasileira ia se desenvolvendo à medida que a política nacional ia tomando o rumo pós-independência. À época, eram comuns os pasquins, jornais de caráter satírico e difamatório (MELLO, 2005).

No mundo, enquanto isso, os avanços tecnológicos permitem uma tiragem cada vez maior. Em 1814, na Alemanha surge a impressora a vapor; em 1845, a primeira máquina rotativa, na França, aprimorada no ano seguinte nos Estados Unidos; surge a linotipo em 1884, na Alemanha, até chegar às sofisticadas formas de impressão atuais.

Paradoxalmente, esse avanço, ao invés de permitir o aparecimento de um grande número de jornais independentes, que refletissem as múltiplas facetas da sociedade, possibilitou a concentração da mídia nas mãos de poucos. Se antes os jornais forneciam um amplo leque de opiniões, permitindo a livre discussão das idéias, com os avanços tecnológicos, tornou-se proibitivo fazer um jornal:

Cada vez mais difícil adquirir e produzir jornais, o mercado foi se fechando em torno de grandes empresas. Isso também dificultava a liberdade de expressão, restrita aos donos dos grandes negócios da imprensa. A transformação da imprensa em um negócio caro tornou desnecessária a censura, uma vez que as empresas – pela própria condição de mercado, inseridas na economia como qualquer outra – praticam a autocensura naturalmente. Para Sodré, (1999, 408) “de instrumento de esclarecimento, a imprensa capitalista se transformou em instrumento de alienação, fugindo inteiramente aos seus fins originários” (MELLO, 2005).

Paulatinamente, como Keppe equacionou em 1987, o poder econômico patológico global e centralizado, de poucos indivíduos (1% ou menos) foi tomando conta, adquirindo veículos, refazendo as leis, a ponto de hoje dominarem os 99% restantes (do povo) e as principais mídias estarem em suas mãos, como veremos nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO 2

Psico-Sócio-Patologia e os Meios de Comunicação

2.1. Psico-sócio-patologia: Definição e Contextualização

Com grande aplicabilidade na mídia, a Psico-Sócio-Patologia, ciência gestada na década de 1970 e desenvolvida até este ano (2013) por Norberto Keppe, é aquela que estuda a doença psíquica do ser humano (psicopatologia) correlacionada com a enfermidade da organização social (sociopatologia), causada, sobretudo, pela patologia do poder. Ela mostra como a patologia central do ser humano é ser avesso à consciência (conhecimento) – e isto faz com que tente continuamente cercear a verdade, o que se reflete na censura à atividade midiática, que constitui a consciência social.

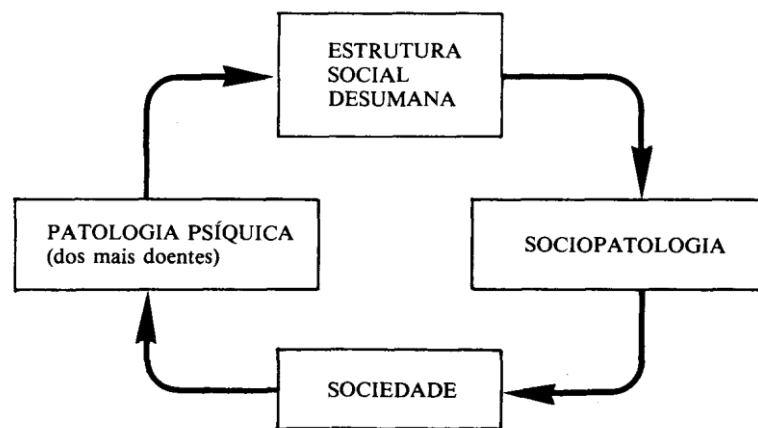
Este novo campo científico, assim como a própria palavra Sociopatologia foram criados por Norberto Keppe, psicanalista formado em Viena, Áustria, filósofo e cientista social, a partir de seu livro “Psicanálise da Sociedade”, publicado em 1976.⁷

O nome desta nova ciência advém da junção dos seguintes vocábulo: *psique* = alma; *sócio* = sociedade; *patos* = emoções, doença; *logia* = estudo.

Na realização desse estudo das doenças da alma e da sociedade, constituem seu objeto específico as emoções doentias (como fúria, megalomania, inveja, inversão, censura, preguiça e avareza), sobretudo a patologia do poder, em suas interferências no decurso da existência do indivíduo e da organização social, que se influenciam mutuamente.

A maneira como estas enfermidades se entrelaçam e se alimentam reciprocamente é explicada neste gráfico constante do livro “A Libertação dos Povos, a Patologia do Poder”, de Norberto Keppe:

⁷ KEPPE, Norberto, *Psicanálise da Sociedade*, São Paulo, Proton Editora, 1976.



“A patologia dos seres humanos mais doentes criou a estrutura social injusta e desumana, que é uma sociopatologia, e esta é a sociedade em que vivemos que, por sua vez, obriga a todos os que nascem a se encaixar em tal situação, totalmente irregular e doentia” (KEPPE, 1986, p. 116).

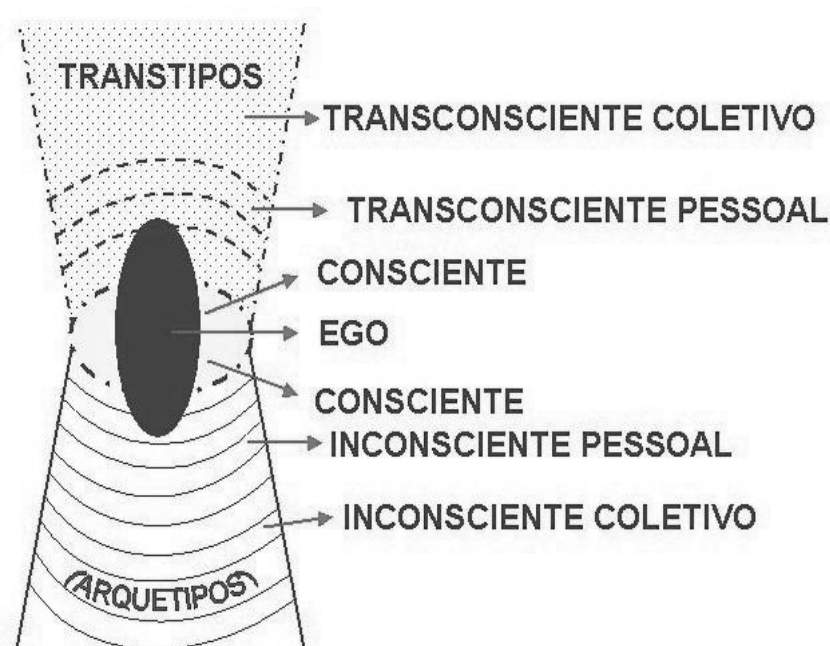
2.2 A Psicanálise Integral

Para tratar as doenças anímicas (psicopatologia) Keppe criou uma psicoterapia chamada Psicanálise Integral, unificando as principais escolas de psicoterapia atuantes em Viena, no período de três anos em que lá viveu, estudou e trabalhou (1958-1960). No Prefácio da 2ª. edição de seu livro Psicanálise Integral, tese desenvolvida na Áustria, esclarece esse ponto:

“Escrevi este livro em Viena, quando o processo psicanalítico começou a entrar em questão, por causa das teorias principalmente freudianas — aparecendo outras escolas como a de Igor A. Caruso e Viktor E. Frankl, que pretendiam ampliar o campo de conhecimentos sobre o ser humano. Nessa ocasião, eu trabalhava na Policlínica com Frankl, que se orientava pela filosofia existencialista (Boss, Biswanger, Heidegger e Kierkegaard), onde notei que a visão só do inconsciente não era inteiramente satisfatória para compreender o ser humano. Deste modo, ampliando o campo da consciência, coloquei também uma transconsciência (consciência transcendental) com os seus transtipos (modelos transcendentais) de

conduta, que não podem ficar fora do conhecimento da vida psicológica sob pena de reduzi-la ao mínimo.⁸

Neste seu trabalho efetua a junção entre as descobertas de Freud, Jung e Frankl, além de outras correntes psicanalíticas, como de Adler e Igor Caruso, adicionando sua contribuição acerca do transconsciente. Keppe mostra a junção entre o freudismo, junguismo e suas próprias descobertas neste gráfico, seguido de sua explicação (p. 15 do livro *Psicanálise Integral*):



“Neste esquema, tentamos esclarecer a posição do transconsciente, dentro da estrutura geral da personalidade. A elipse central representa o ego que constitui, segundo Freud, o elemento da personalidade em contato com o mundo exterior; ao seu redor se localiza o consciente, que apresenta uma estrutura, não apenas projetada para o mundo psíquico subterrâneo, como também para o mundo da transcendência. Em seguida à consciência vem, segundo Carl Gustav Jung, o inconsciente coletivo, após o pessoal. Em nossa teoria, incluímos no arcabouço “superior” do homem um transconsciente pessoal e um coletivo.”⁹

⁸ KEPPE, Norberto, *Psicanálise Integral* São Paulo, Proton Editora, s/d, 2ª. ed., p. 5

⁹ Idem nota 8, p. 15

2.3. A Medicina da Alma

Ao voltar a São Paulo, De 1965 a 1976 coordenou e chefiou o Grupo de Estudos de Medicina Psicossomática, fundado pelo Prof. Edmundo Vasconcelos na Segunda Clínica Cirúrgica no HC; nesse trabalho do Brasil, atendeu pacientes do Instituto do Coração, da Clínica de Moléstias Respiratórias, de Doenças Alérgicas, de Ginecologia e Obstetrícia, do aparelho digestivo entre outras e, em seu livro “A Medicina da Alma” (1967) relata sua experiência no HC, e as curas que obteve só com Psicanálise Integral.¹⁰

Nesse livro, na Segunda Parte, apresenta as escolas fundamentais de Psicanálise, que serviram de base para seu trabalho de Psicanálise Integral, sendo elas: a Psicanálise (Sigmund Freud), a Psicologia Individual (Alfred Adler), a Psicologia Analítica (Carl Gustav Jung) e a Análise Existencial - Logoterapia (Viktor E. Frankl).

2.4. A Trilogia Analítica

Desde a publicação de seu livro Psicanálise Integral, Keppe buscou unificar o campo da experimentação (ciência e artes) ao setor da razão (filosofia) e ao do afeto (teologia), para abranger os três campos fundamentais constitutivos do indivíduo e da sociedade (sentimento, pensamento e ação). Aceitando as contribuições dessas três correntes na prática psico (e sócio) terapêutica, deu a sua escola o nome de “Trilogia Analítica”, que é explicado por Cláudia B. S. Pacheco:

Foi escolhido esse nome porque:

1. TRILOGIA — é a união dos três campos: ciência, filosofia e espiritualidade. Mostra que o ser humano é trino na base (sentimento, pensamento e ação), à semelhança do Criador, que tem três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo).
2. ANALÍTICA — porque é um método científico, analítico, isto é, são analisadas detalhadamente todas as partes dos fatos para serem corrigidos erros de cada campo e promove o desenvolvimento de uma ciência mais completa.

¹⁰ KEPPE, Norberto, A Medicina da Alma, São Paulo, Hemus Editora, 1967

A Trilogia Analítica, embora alguns digam que o nome possa sugerir, não é religião, ou método complicado e teórico. Pelo contrário, a Trilogia é uma ciência clara, abrangente e prática, e todas as pessoas, de qualquer idade, sexo, profissão ou raça, podem compreendê-la perfeitamente, desde que se dediquem ao seu estudo e aplicação. Todo o seu corpo de teoria e método é resultado de pesquisas que seguiram os mais rigorosos critérios científicos” (PACHECO, 2001, p. 11)

Para tratar da doença social (sociopatologia) Keppe criou uma socioterapia, ou seja, desenvolveu não só uma medicina da alma mas também da sociedade, como explica em seu livro *Trabalho e Capital*:

“A Trilogia Analítica é baseada na ciência da Psicopatologia – mesmo que contenha elementos filosóficos e espirituais. Estou dizendo que é fundamentalmente uma ciência, que está entrando agora na patologia social, que é a causa fundamental de toda a problemática psicossocial. A socioterapia e a psicoterapia são duas ciências distintas, mas a segunda é subordinada à primeira - e se a psicoterapia não funcionou como deveria, é porque não foi realizada a dialética com a socioterapia, que são as duas bases formadoras do espírito humano (KEPPE, 1989, p. 2)

CAPÍTULO 3

Manifestações da Psico-Sócio-Patologia no Indivíduo e na Mídia

3.1 A Censura

3.1.1 Definição

A censura, segundo Keppe, é a luta que o ser humano faz contra sua consciência (percepção) para se inconscientizar, para deixar de saber o que sabe. De modo que é a guerra que empreende para deixar de ver suas dificuldades, como indivíduo e coletividade. Em seus aforismos sobre a censura, Keppe aponta-a da seguinte maneira:

1. Inveja é o Impedimento à Consciência, Conservando o Ser Humano Inconsciente; 2. A Principal Característica da Doença é a Inconsciência; 3. A Enfermidade do Ser Humano Está em Sua Resistência à Consciência; 5. O Ser Humano Vê o Perigo na Consciência (Percepção dos Problemas); 12. Consciência é Sanidade, Enquanto Doença é Alienação (KEPPE, 2000, p. 117)

3.1.2 A Censura no Indivíduo

A patologia da censura pode ser observada no dia a dia, em situações comezinhas, bastando notar, por exemplo, como as pessoas geralmente não gostam de receber críticas, de ver problemas em si próprias; igual dificuldade têm, comumente, em reconhecer qualidades nos outros. Se e quando aceitam ver as dificuldades sociais, ambientais, familiares, entre outras, têm enorme resistência em aceitar perceber suas causas profundas, porque residem, em última instância, na psicopatologia, que todos carregam.

3.1.3 A Censura como Centro das Neuroses e Psicoses

De acordo com Keppe, a censura é a causa fundamental de todos os seus problemas, podendo-se dizer que é a doença em si, como expõe no gráfico a seguir:



Gráfico apresentado no Programa *O Homem Universal*

Segundo sua explicação, efetuada no programa de TV, do lado esquerdo temos os nossos principais problemas: a inveja (que é o inconsciente) e que produz as outras patologias, como preguiça, gula, soberba, ira, avareza e libidinagem. No centro, temos a censura, que é a resistência em ver esses problemas todos, principalmente a inveja. A censura, segundo dr. Keppe, é a própria enfermidade (neurose), pois o problema não é ter problemas, mas não querer ver e analisar os problemas que tem. Finalmente, se a censura for muito forte, o indivíduo faz a projeção (do lado direito), que é o ato de lançar os próprios problemas e a causa deles nos outros, constituindo a neurose mais grave (psicose, doença mental).

Em seu livro *A Libertação*¹¹, considerado obra básica para entender seu trabalho psicanalítico integral, Keppe já define a neurose (psicose e psicopatia) como “o esforço para negar, omitir e deturpar a realidade”; explica que somente conscientizando isso, a pessoa pode se colocar em condições de aceitar ver a realidade como é, saindo dos delírios (o conceito psicanalítico de delírio é: ver o que não existe, ou não querer ver o que existe). Assim sendo, os seguintes conceitos expostos nessa obra são de grande utilidade para os profissionais em geral, para que evitem censurar a consciência que têm dos fatos e de suas causas; só assim as notícias podem deixar de ser negadas, omitidas ou distorcidas pela própria psicopatologia inconscientizada, aparecendo em sua verdade inteira:

¹¹ KEPPE, Norberto. *A Libertação*. São Paulo, Proton Editora, 1998, 3ª. ed.

“O Ser Humano já Nasce com sua Base Obnubilada, Prejudicando-se mais Ainda ao Negar, Distorcer ou Omitir a Realidade (p. 9); O Esforço para Tornar Mentira uma Verdade é Extremamente Desgastante (p. 20); Tentamos Continuamente Inconscientizar a Consciência (p. 23); Psicoterapia é o Ato de Entrar em Contato com a Realidade do Interior e da Própria Atitude Patológica, que é a Omissão, Negação ou Deturpação da Verdade (p. 35).

Como se vê por essa descrição, a luta psíquica do ser humano, que gera todos os seus problemas, ou seja, suas neuroses e psicoses, assim como doenças orgânicas e sociais é o esforço para “negar, omitir ou deturpar a realidade”.

3.1.4 A Censura na Mídia

Um fato comum, observado na mídia em geral, é a negação de uma realidade, como se não fosse real – ou a afirmação de uma negação (uma mentira), apresentada como se fosse plena verdade; ou então, a transmissão de fatos deturpados e descaracterizados; ou, ainda, a omissão, o silêncio sepulcral diante dos acontecimentos que deveriam estar sendo noticiados, como veremos neste tópico.

Com relação à negação da realidade, pode ser feita pelo próprio repórter, diante de um acontecimento que recusa aceitar conhecer; por exemplo, por inveja, pode se negar a ver as qualidades de alguém, ou reconhecer uma boa iniciativa para o povo, criticando injustamente uma pessoa ou uma realização de grande valor; ou, então, devido à inversão psicológica pode desconfiar justo de alguém que faz o bem enquanto defende e elogia um indivíduo muito doente do poder, como se fosse um benemérito para a sociedade. Na maioria dos casos, a negação da realidade constitui uma imposição dos donos do veículo ou do poder econômico. O jornalista Daniel Herz, em seu livro *História Secreta da Rede Globo* menciona como o dono da emissora, Roberto Marinho, entrou na redação querendo forçar os jornalistas a negar que Brizola estava à frente nas apurações para o governo do Rio:

- O CHEFE AQUI SOU EU

A voz cavernosa que eu só conhecia através das televisões agradecendo a prêmios na maioria recebidos artificialmente estava lá.

- Quem era o responsável pelo jornalismo da Globo ontem à tarde?
- Pelo jornalismo nacional, Eduardo Simbalista; pelo jornalismo local, eu mesmo, Luís Carlos Cabral.
- É com você mesmo que eu quero falar. Você me desobedeceu.
- Confesso, não é vergonha: a mão tremia. Não era medo do desemprego. Era o terror de quem vê desabar sobre si, repentinamente, o próprio Spectro. Jung explica. Mas, sim: a voz era firme.
- Dr. Roberto, se desobedeci foi involuntariamente.
- Você me desobedeceu. Eu disse que não era para projetar e você passou o dia inteiro projetando, dizendo que o Brizola vai ganhar. Você me desobedeceu.
- Mas, dr. Roberto, eu não podia desobedecer a ordens que não recebi. Projetei segundo a orientação de meus chefes.
- E quem são os seus chefes?
- Os meus chefes são, pela ordem, Alice Maria, Armando Nogueira e Roberto Irineu.
- Eles não são chefes coisa nenhuma. O chefe aqui sou eu e você me desobedeceu.
- Bem, dr. Roberto, não desobedeci.
- Vai trabalhando aí que na segunda-feira a gente conversa. Até logo..

Este diálogo, travado em novembro de 1982 durante o processo de apuração das eleições, foi relatado pelo jornalista Luís Carlos Cabral, então diretor regional de jornalismo da Rede Globo no Rio. O seu interlocutor de "voz cavernosa" era o dr. Roberto Marinho, diretor-presidente das organizações Globo.

Assim, o ex-diretor regional de jornalismo da Globo no Rio relatou o processo que testemunhou bem de perto: "O papel da Rede Globo de Televisão no Caso Proconsult, nas eleições de 1982 era apenas o de preparar a opinião pública para o que iria acontecer: o roubo, por Moreira Franco, dos votos de Leonel Brizola." Aliás, dos votos do povo (HERZ, 1987, p. 1)

Quanto à afirmação de uma mentira como se fosse realidade, temos o caso emblemático da Escola Base (que é inclusive estudado nas faculdades de jornalismo como um exemplo do que não deve ser feito), quando o proprietário da escola e funcionários foram acusados injustamente de estarem praticando pedofilia contra os alunos. A denúncia mentirosa foi repercutida no país com sensacionalismo pela

mídia, a escola foi pichada pelo povo revoltado, o estabelecimento de ensino fechou as portas e somente 18 anos depois tudo ficou esclarecido: os acusados foram inocentados pela justiça e a Globo condenada a pagar uma indenização de mais de um milhão e trezentos mil reais por danos morais e financeiros – o que não indeniza, em absoluto, a destruição de vidas humanas.

O caso da Escola Base, em São Paulo, é emblemático. Jornalistas assediaram autoridades e assistiram a interrogatórios em que os direitos dos acusados foram violados e não divulgados à sociedade. Alguns jornalistas investiram-se de autoridades policiais e ajudaram a aprofundar as injustiças cometidas contra os acusados de pedofilia, que posteriormente provaram ser inocentes. A reviravolta só foi possível quando o jornalista Florestan Fernandes Jr., da TV Cultura, resolveu investigar a fonte primária da notícia: o delegado (BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Rodolfo, 2002, p. 23).

Uma vez que o problema central do ser humano é a censura à visão da realidade, efetuada com maior intensidade por parte dos doentes mentais mais graves, evidentemente tal patologia tem de aparecer com muito maior clareza numa atividade cujo objetivo é mostrar a verdade, como a dos meios de comunicação. Tal fato vem sendo cada vez mais conscientizado, a ponto de a grande imprensa brasileira estar sendo qualificada pelo jornalista Paulo Henrique Amorim de PIG – Partido da Imprensa Golpista:

Uso do termo - A expressão foi popularizada pelo jornalista Paulo Henrique Amorim em seu blog Conversa Afiada, mas, segundo ele, foi inspirada em um discurso do deputado petista Fernando Ferro. Amorim, quando utiliza o termo, escreve com um i minúsculo, em alusão ao portal iG, do qual foi demitido em 18 de março de 2008, no que descreve como um processo de "limpeza ideológica". De acordo com ele, até políticos teriam passado a fazer parte do PIG: "O partido deixou de ser um instrumento de golpe para se tornar o próprio golpe. Com o discurso de jornalismo objetivo, fazem o trabalho não de imprensa que omite; mas que mente, deforma e fraudar."¹²

¹² http://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_da_Imprensa_Golpista (Acessado em 12/01/13)

Portanto, igual fenômeno da censura, que ocorre no ser humano, repete-se na mídia, que sofre todo o esforço dos indivíduos mais doentes (como os poderosos da economia) para que uma verdade seja negada, escondida (omitida) ou deturpada, a fim de proteger interesses escusos (patológicos). De maneira que tais indivíduos doentes psíquicos, no afã de impedir a conscientização do povo e a própria, assumiram o controle econômico ou a propriedade dos principais meios de divulgação:

“As grandes empresas compram os meios de divulgação, para dominar o mercado; por exemplo, a Gulf e Western compraram a Paramount, e a Esso, a Metro Goldwyn Mayer; sabemos que Muldock tem uma cadeia de emissoras de televisão. Esse fato mostra que o povo é doutrinado, segundo os interesses econômicos desses grupos; mesmo que haja, por lei, liberdade de imprensa, os meios de divulgação evidentemente só noticiam o que favorece a essas firmas. Neste caso, é absoluta mentira dizer que haja liberdade de comunicação. Os indivíduos que trabalham nesse setor, são obrigados a seguir a orientação interesseira de suas empresas, mesmo que estejam contra; esse fato cria enorme tensão entre eles, motivo pelo qual a rotatividade de jornalistas e radialistas é muito alta — o contrário vale, isto é, os funcionários bem adaptados geralmente são ‘vendidos’ aos seus patrões” (KEPPE, 1987, p. 47).

Desse modo, a atividade midiática, ao invés de transmitir a verdade e de gerar um efeito conscientizador, tranquilizador, terapêutico e corretivo sobre os erros sociais, passa a proteger a doença social, a patologia, sendo o maior problema da mídia a censura às notícias. O impedimento à livre expressão e discussão das idéias, por parte dos associados da sociedade humana é causa fundamental da doença social, (e também psíquica e orgânica), como explica Keppe:

“Os jornalistas, radialistas e artistas do cinema e televisão precisam ver que constituem todo o poder nos meios de divulgação, e que estão sendo explorados e impedidos de se desenvolver pelo poder econômico, que domina suas empresas. É tempo de acordar e ver que eles têm de ser a consciência da sociedade, que não pode ser calada, sob pena de destruir a própria civilização” (KEPPE, 1987, p. 51).

Como se vê, o autor está falando claramente que a consciência social está sendo impedida de existir, assim como os jornalistas impedidos de se desenvolver, devido à censura que existe nos meios de comunicação, efetuada pelo poder econômico que domina as empresas jornalísticas. Este é um fato real, conhecido de quem trabalha ou trabalhou na mídia, motivo pelo qual a causa das causas dos problemas sociais (patologia do poder econômico) quase nunca é denunciada devidamente – os grandes barões das finanças escapam continuamente do noticiário crítico e são constantemente defendidos pelos meios de comunicação nos quais anunciam ou dos quais são os verdadeiros proprietários. De outro lado, o poder político, eleito pelo povo, é atacado diuturnamente, já como forma de transferir o governo democrático do poder tripartite para a chamada “ditadura dos cartéis” (ditadura das transnacionais e dos bancos internacionais).¹³

Em recente evento na França, o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva declarou:

“Quando um político é denunciado, a cara dele sai de manhã, de tarde e de noite no jornal. Vocês já viram a cara de algum banqueiro no jornal? Sabe por que não sai? Porque é ele que paga as propagandas dos jornais. Então, não sai nunca”.¹⁴

Cabe acrescentar que tal censura é também promovida, por culpa ou dolo, por muitos dos próprios jornalistas que, fortuitamente, devido à própria psicopatologia, alteram, omitem ou negam os fatos, com grande prejuízo para eles e para toda a sociedade.

¹³ “*A Ditadura dos Cartéis – Anatomia de um Subdesenvolvimento*” é o título de um livro de Kurt Rudolf Mirow, industrial brasileiro que sofreu a concorrência desleal de transnacionais, mas que não constitui um simples testemunho pessoal, e sim uma análise da sociedade sob o impacto dessas corporações, obra publicada pela Editora Civilização Brasileira, em 1978 http://mg.quebarato.com.br/belo-horizonte/a-ditadura-dos-carteis-anatomia-de-um-subdesenvolvimen-to__475C44.html (Acessado em 05/01/2012). Convém lembrar que a editora, dirigida por Ênio Silveira, sofreu ela própria feroz censura por parte da ditadura militar organizada pelo poder econômico internacional (sobretudo estadunidense) no Brasil; seu proprietário foi preso várias vezes e sua casa invadida pelo regime ditatorial.

¹⁴ “*Na França Nunca Dantes bate forte no PIG*” (referência ao discurso do presidente Lula no fórum “Escolher o crescimento, sair da crise”, organizado em Paris pelo Instituto Lula e pela Fundação Jean Jaurés da França, e ao artigo “Sem comentar denúncias, Lula faz crítica velada à imprensa”, de Daniela Fernandes, de Paris para a BBC Brasil). <http://www.conversaafiada.com.br/pig/2012/12/13/na-franca-nunca-dantes-bate-forte-no-pig/> Publicado em 13/12/2012 e acessado em 05/01/2013.

3.1.4.1 Casos Reais de Censura

A seguir, alinhamos casos de censura desse tipo ocorridos nas empresas jornalísticas em que trabalhamos:

Caso 1: Num dos jornais em que exercemos a função de repórter, entre 1970 e 1990, trabalhava um médico-redator, até famoso nos meios da alopata, o qual, vestido inteiramente de branco, cachimbo à boca, sentava-se defronte a uma mesa localizada perto da sala do editor-chefe. Espécie de oráculo da saúde, era consultado pelos demais editores sobre sua opinião acerca de qualquer matéria referente ao assunto. Como ele próprio era alopata, evidentemente julgava as demais terapias, por exemplo, a medicina psicossomática, como sendo não científicas, sugerindo sua não publicação. Tal censura à notícia, evidentemente é de grande prejuízo para toda a população, que ficou privada desse conhecimento. Este caso de censura está ligado à teomania, muito comum entre os profissionais desta área da medicina (quando o indivíduo acredita que detém todo o saber da humanidade e que tudo o que é diferente do que pensa seria uma inverdade).

Caso 2: Em 1979, a convite de Norberto Keppe e Cláudia B.S. Pacheco, visitou o Brasil (São Paulo) o maior filósofo alemão da época, Arnold Keyserling, ex-presidente da Associação Européia de Psicologia Humanística, professor de Filosofia da Universidade de Viena e filho do renomado filósofo Hermann Keyserling. Este último foi o fundador, com Carl Gustav Jung, da Escola da Sabedoria, com sede em Darmstadt, Alemanha. Como amigo de Keppe e Cláudia, tínhamos acesso privilegiado ao convidado, podendo entrevistá-lo quando melhor nos aprouvesse. Propusemos a pauta para o jornal, mas a matéria foi vetada, por ser considerada desinteressante, conforme nos transmitiu então o chefe de reportagem: “ninguém se interessa por esse assunto”. Percebe-se que, como algum editor ao qual estava subordinado não se interessou por esse tipo de assunto, presumiu que ninguém mais se interessaria, num fenômeno chamado de projeção do que sente nos demais. Com isso, o público culto de São Paulo, leitor daquele jornal, ficou privado de

conhecer as idéias deste renomado filósofo, ou de vê-lo pessoalmente em sua conferência, por não ter sido noticiado no veículo. Como “castigo”, um jornal concorrente fez uma entrevista exclusiva com o filósofo alemão, passando à frente do nosso.¹⁵ Para se ter uma idéia do que o paulistano, leitor daquele diário, perdeu de saber, publicamos, a seguir, um relato de Cláudia B.S. Pacheco sobre as idéias de Keyserling:

“Fomos visitar Arnold Keyserling em seu apartamento no centro de Viena, conduzidos pela assessora cultural da Embaixada Brasileira na Áustria, que o considerava um dos mais brilhantes pensadores da Europa daquela época. Qual não foi nossa surpresa quando lá chegamos, sem aviso prévio, e o encontramos estudando português! O filósofo, de linhagem mística como seu pai, abraçava a mesma previsão que considerava próxima uma fundamental e universal mudança da humanidade, a partir do Brasil. Daí seu interesse em aprender nossa língua. Entre as pesquisas de seu pai, as quais ele procurava desenvolver, estavam os seguintes dados: 1) De acordo com cálculos baseados em calendários da Antigüidade, como dos maias, incas e astecas – e também com base na sabedoria de povos orientais – deveria surgir, por volta da década de 70, uma nova orientação psicológico-espiritual e universal, que iria guiar a humanidade pelos próximos cinco ou seis mil anos; 2) essa orientação deveria surgir no Brasil, mais especificamente numa zona energética especial em São Paulo; 3) essa diretriz iria “demolir” o estilo dogmático-racionalista e materialista das civilizações européia e norte-americana, geradoras de neuróticos e psicóticos; 4) o mundo precisaria se defender do domínio norte-americano sobre os outros povos, sob pena de sofrer a mais difícil era da humanidade – muito mais negra e censuradora do que a medieval; 5) essa nova orientação, surgida em São Paulo, traria uma nova era de paz para todas as nações; um clima de alívio iria se difundir entre os povos já libertos dos poderes econômico-sociais até então opressores” (PACHECO, 2012, 308)

Caso 3: Uma família simples, vinda do interior do Estado, desceu na antiga Rodoviária de São Paulo, situada na av. Duque de Caxias, então pertencente aos donos do jornal Folha de São Paulo (Carlos Caldeira e Otávio Frias de Oliveira). Desejosos de ir a Aparecida, o pai de família, acompanhado da mulher e alguns

¹⁵ “Filósofo destaca valores do paulistano” – entrevista de Arnold Keyserling à jornalista Menna Barreto, jornal “O Estado de São Paulo, 22 de dezembro de 1979, p. 10

filhos pequenos, apanhou um táxi para visitar a Basílica. Ao invés de fazer o trajeto combinado, o taxista rodou pela cidade e, depois de muitas voltas, parou em frente da Catedral da Sé, dizendo que haviam chegado ao destino. Cobrou um dinheirão pela corrida, levando todas as economias da família. Este era um dos casos de abusos cometidos na rodoviária, que ouvíamos de colegas na redação do jornal. O velho prédio, além disso, atrapalhava o trânsito da cidade, e tinha falta de escadas rolantes, gerava muita poluição e barulho, mas, segundo os colegas jornalistas, era a “galinha dos ovos de ouro do Frias e do Caldeira”. Noticiar qualquer fato desabonador dessa rodoviária – ainda que tivessem o simples intuito de prevenir os usuários sobre a atividade dos maus taxistas – era assunto tabu no jornal Folha de São Paulo e nos outros publicados pela empresa Folha da Manhã (Folha da Tarde, Agência Folhas, Última Hora, Notícias Populares), notando-se aqui uma censura às notícias verdadeiras e de utilidade pública, advinda dos interesses econômicos dos proprietários do jornal. Aliás, que de nada adiantava, pois os jornais concorrentes aproveitavam para mostrar tudo o que havia de errado naquela estação. Se os donos da Folha permitissem uma reportagem isenta, de seu próprio jornal, sobre os erros, poderia até ganhar a simpatia popular, e aproveitar para corrigir as falhas apontadas pela reportagem...

O jornalista Ricardo Kotscho, em seu livro “Do Golpe ao Planalto”, faz uma alusão ao fato da proibição de notícias sobre a rodoviária:

“Seu” Frias, que não aceitava ser chamado de “doutor”, foi bem claro no nosso primeiro encontro: “Conheço teu trabalho, você vai se dar bem aqui. Pode escrever sobre quem você quiser, o que você quiser. Só te peço para não passar nem perto da estação rodoviária. O resto está liberado. Combinado?” disse-me, com um sorriso cúmplice, referindo-se a um de seus empreendimentos extrajornalísticos, muito criticado por atrapalhar o trânsito na região central da cidade. (KOTSCHO, 2006, p. 96)

Mas, acima do poder dos donos de jornal, até certo ponto limitado, paira uma censura muito mais ampla, global e destruidora, a ditadura do poder econômico das megacorporações (bancos, multis etc), que, através de pressões sobre os proprietários da mídia (ou através do pacto de corrupção com eles) impede que os jornalistas falem a verdade que sabem.

Desse modo, as doenças que atacam o ser humano em virtude da censura são imensas porque nada é falado sobre a causa das causas (poder econômico) que assim não pode ser controlado pela sociedade. Só o poder político (que é eleito pelo povo) é atacado sem piedade, a não ser que se venda inteiramente ao poder econômico.

Geralmente não saem, na grande mídia, notícias sérias, apontando as causas profundas da patologia social e as soluções possíveis, campanhas sobre a toxicidade do flúor, agrotóxicos e vacinas, denunciada pelos cientistas independentes, impedindo que o povo (e eles mesmos) saibam se defender das doenças geradas por esses químicos venenosos.

3.2. A Teomania (Megalomania)

3.2.1 Definição

A teomania (mania de querer ser deus) é uma denominação criada por Norberto Keppe, que aprofunda o sentido da palavra megalomania (mania de grandeza) descrita pela psiquiatria alemã como a causa principal das doenças mentais. O vocábulo teomania designa, de acordo com Cláudia Pacheco, “o desejo escondido em todos os corações humanos de ser poderoso como um deus”:

Keppe percebeu que a verdadeira raiz das neuroses e psicoses, diferentemente do que Freud acreditava, é a teomania — o desejo escondido em todos os corações humanos de ser poderoso como um deus (em casos mais graves de psicose, verifica-se claramente o desejo de o indivíduo ser mais poderoso do que Deus) (PACHECO, 2001, p. 75).

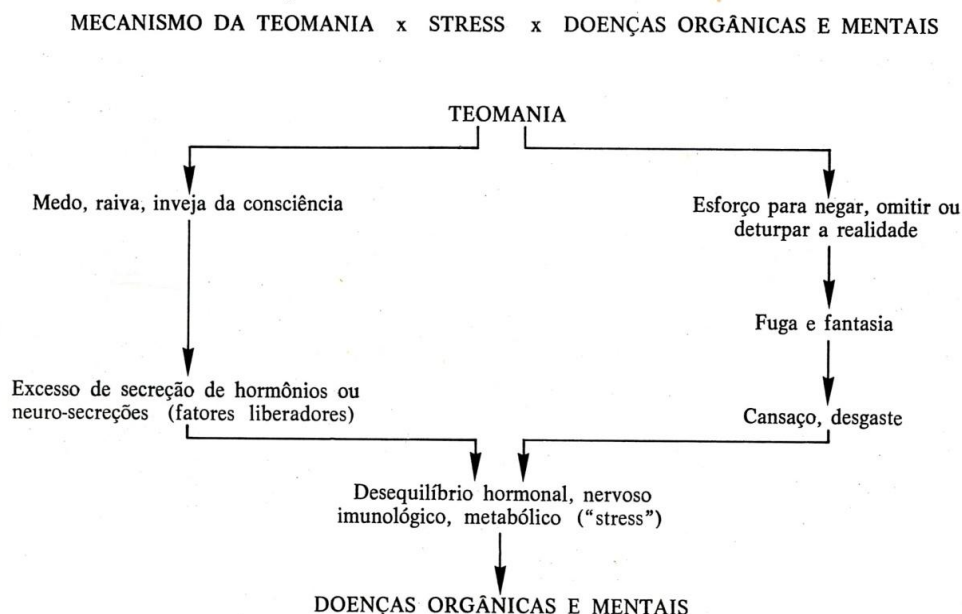
É formada pelas palavras *Teo* = Deus e *mania* = loucura. Logo, teomania é a loucura por achar-se um deus.

Em seu livro *O Alienista*, Machado de Assis - que era um estudioso das doenças mentais, uma vez que ele próprio sofria de epilepsia e desejava conhecer melhor a origem dessas moléstias - descreve vários exemplos de pacientes desse tipo, internados no hospício imaginário criado pelo doutor Bacamarte, chamado *Casa Verde*:

De todas as vilas e arraiais vizinhos afluíam loucos à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaníacos, era toda a família dos deserdados do espírito. (...) A mania de grandezas tinha exemplares notáveis. O mais notável era um pobre diabo, filho de um algibebe,¹⁶ que narrava às paredes (porque não olhava nunca para nenhuma pessoa) toda a sua genealogia, que era esta: - Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu.¹⁷ Outro da mesma espécie era um escrivão, que se vendia por mordomo do rei (...) citarei um sujeito que, chamando-se João de Deus, dizia agora ser o Deus João e prometia o reino dos céus a quem o adorasse e as penas do inferno aos outros (*apud* NETO, 2009, p. 127).

3.2.2 A Teomania no Indivíduo, o Estresse e as Doenças Mentais e Orgânicas

Em seu livro *A Cura pela Consciência – Teomania e Stress*, Cláudia Pacheco traz um gráfico que elucida a questão da teomania, sua ligação com a censura, e seus reflexos sobre a saúde do indivíduo:



(PACHECO, 1994, p. 45)

¹⁶ Vendedor de roupas de tecido barato, mascate.

¹⁷ Observe-se que o doente mental se vê como grande figura, descendente de antepassados notáveis, inclusive de Davi, o rei dos judeus, terminando por falar que ao invés de ser filho de um mascate, era, ele próprio, um conde. É o que a ciência da psicopatologia chama de “delírios de grandeza”.

O gráfico mostra a relação entre a teomania (mania de querer ser deus) com a censura. Como a pessoa teomânica quer se imaginar perfeita, recusa-se a ver erros ou problemas em si própria, ou qualidades na vida e nos demais. Assim, fica com medo, raiva ou inveja da consciência (esquerda), esforçando-se para negar, omitir ou deturpar a realidade que vê (direita). Com essa atitude, ela entra no delírio (fuga e fantasia), trazendo como consequências: o cansaço, desgaste, desequilíbrio hormonal etc., gerando as doenças orgânicas, mentais.

De acordo com Keppe, a teomania, presente em maior ou menor grau em todos os seres humanos, é a causa das doenças mentais:

Desde que nascemos temos a extrema pretensão de criar uma nova realidade, um novo universo, onde imperaríamos como deuses, substituindo tudo o que existe, pelo nosso devaneio. Assim, chegamos a pensar ser possível viver conforme a fantasia que idealizamos a tal ponto que chegamos a assumir a figura de um personagem passado, mas sempre de uma grande figura: Napoleão, Luiz XV, ou, melhor ainda, Jesus Cristo, ou o próprio Deus de preferência. **E esta soberba é a causa de nossa psicopatologia tão desejada e venerada pelos homens (...)** A tensão não existe por si, mas somos nós que nos tensionamos, pela barreira que formamos aos sentimentos e ao próprio modo de pensar – devido ao eterno desejo de recriar o próprio sentimento e pensamento” (KEPPE, 1998, p.9)

Note-se que essa patologia está muito ligada não só à censura (para não ver a própria realidade e criar outra), mas também à inveja, preguiça, ira e demais manifestações psicopatológicas. Em seu livro “A Glorificação”, Keppe chama a atenção para o fato de estarem as diferentes patologias interligadas:

Vou expor aqui uns exemplos: o paciente A.L. começou o tratamento psicanalítico havia três meses, com um bom resultado; certo dia, ele disse o seguinte:

- *A Psicanálise me faz mal.*
- *A que o senhor associa a Psicanálise?* perguntei.
- *A saúde, felicidade.*
- *O senhor afirma que a saúde e a felicidade lhe causam problemas.*

O leitor pode notar facilmente a inversão que o cliente faz; mas poderá observar também que há um motivo anterior que o faz raciocinar assim: a

inveja – pois os cinco fatores são interligados, ou seja, a inversão com a inconscientização, a fantasia, a teomania e a inveja (KEPPE, 2013, p.1)

A teomania, de acordo com esta *Cartilha Trilógica* de Cláudia Pacheco destinada aos educadores para conscientização das crianças, manifesta-se no ser humano desde cedo, como se vê na figura e história a seguir:



Fábio brinca de super-herói.

Agora, ele pula do telhado.

Fábio quebra o pé.

Que teomania, Fábio!

Fábio achou que poderia pular do telhado sem que nada lhe acontecesse. Ele precisa ver os prejuízos que a teomania traz: quem se achou muito poderoso, acaba sendo humilhado. Fábio, com o pé quebrado, não pode mais brincar. O objetivo desta história é levar a criança a ver os perigos em que se coloca por causa da teomania (PACHECO, 2003, P. 10)

A teomania está presente nos seres humanos, em maior ou menor grau, nas situações mais corriqueiras, como neste caso, que chegou ao nosso conhecimento:

O empresário F.S. morreu num acidente de trânsito. Ele dirigia a 200 km por hora sua Ferrari na via Dutra. Seu carro passou para a outra pista e se chocou de frente com um caminhão. Sua viúva, A. N. S. disse que F.S. gostava de se imaginar um grande piloto de Fórmula 1. Quando dirigia, imaginava estar competindo. Fazia ultrapassagens como quem vai ganhar uma corrida.

Como se vê, seus delírios de grandeza tiveram uma trágica consequência. Que diferença há entre o menino Fábio, que pensava ser super-homem, e este adulto, que pensava ser piloto e estar correndo numa pista de Fórmula 1, em plena via Dutra?

3.2.3 A Teomania nos Meios de Comunicação

A **teomania** entre os profissionais da mídia aparece, sobretudo, em forma de censura ao noticiário, caracterizada pelo fato de o profissional colocar sua opinião acima da realidade do acontecimento, como se fosse um novo deusinho. Estes casos reais a seguir, são dois exemplos, mas, de modo geral, os casos relatados no item Censura também estão interligados a esta patologia.

3.2.3.1 Casos Reais de Teomania

Caso 1: J.A., um veterano jornalista de um grande veículo onde trabalhamos contou-nos que certa vez foi impedido pelo jornalista editor de colocar uma matéria sobre a cura de infecções. Tratava-se de uma reportagem sobre o restabelecimento de muitas pessoas, através de uma estranha pomada que um imigrante alemão usava em Santo Amaro, SP. No final da 2ª. Guerra, esse alemão, que participara dos combates, mudara-se para Santo Amaro. Num galpão em sua casa acumulava cascas de banana para criarem bolor, com o qual fazia as pomadas, que davam excelente resultados em cortes, feridas etc. O editor não acreditou que tal fato fosse possível e vetou a matéria. O que ele desconhecia é que o ex-soldado alemão simplesmente estava usando o princípio da penicilina, um antibiótico natural derivado de um fungo, o bolor do pão; descoberta em 1928 pelo médico e bacteriologista escocês Alexander Fleming, a penicilina ficou disponível como fármaco desde 1941, e certamente foi usada no período da guerra. O editor, numa atitude teomânica colocou sua opinião pessoal acima dos fatos, achou que um remédio derivado do bolor de cascas de banana era uma fantasia, e impediu que a reportagem fosse feita. Tratou-se de uma censura prévia, sem averiguação dos fatos, prejudicando os leitores, que ficaram privados desse benefício. A atitude jornalística correta seria ter permitido que o repórter entrevistasse o alemão e as

peessoas curadas e publicasse a matéria, para que depois o assunto fosse discutido livremente pela população e pelos especialistas.

Caso 2: Chegou a São Paulo, vinda de San Damiano, na Itália, uma imagem peregrina de Nossa Senhora. Fatos estranhos aconteciam quando pessoas tiravam retratos ao lado dela, em San Damiano. A imagem saía na foto com o braço para fora da grade que a cercava, ou aparecia ao lado de uma pessoa que estava sendo fotografada; surgiu sobre o sol, numa foto de um turista que retratava o entardecer; a sombra de uma penitente que bebia água num bebedouro, tinha rabo e chifres – e assim por diante. As fotos desses fenômenos extraordinários passaram por exames de laboratório que atestaram sua autenticidade. Entregamos a notícia e todas as fotos ao editor-chefe do jornal, que decidiu pela sua não publicação. Como se vê, colocou sua opinião (de que o fato não seria verossímil, ou interessante para o público) acima dos fatos (teomania). A conduta correta seria ter publicado a notícia e deixado a discussão e julgamento para o povo e especialistas nos vários campos.

3.3 A Inveja (Ataque ao Bem)

3.3.1 Definição e Contextualização

De acordo com a Psicanálise Integral de Keppe, inveja é o desejo de não ver (invidere), querendo estragar o que é bom, bonito, verdadeiro. A pessoa muito invejosa ataca justamente o que é bom na vida dela, como as pessoas que têm virtudes, que lhe dão afeto, que lhe falam a verdade, ou que mostram muita beleza, inteligência, felicidade:

Por inveja, quero dizer a atitude que os seres humanos têm de estragar o bem que existe na própria vida e na vida dos outros. Freud deu o nome de instinto de morte (Tânatos) a essa conduta, que via como proveniente de um inconsciente natural. Melanie Klein, outra psicanalista genial, aprofundou-se um pouco mais no estudo da inveja, atuando nos processos psicológicos doentios. Norberto Keppe alargou ainda mais essa compreensão, verificando que a inveja é a raiz de toda a problemática humana, tanto no sentido psicológico individual, como no social. O sentido

da inveja, para Keppe, é diferente do sentido que o povo normalmente dá para esse termo. Inveja, como diz a origem da palavra, em latim (invidere), quer dizer: não ver. Portanto, o entendimento verdadeiro da palavra inveja deve ser retirado da sua origem etimológica — invejoso é o indivíduo “que não quer ver”. Não quer ver o quê? Não quer ver o que é bom, belo e verdadeiro: não quer ver o que é - pois tudo o que é, por si, é bom. A realidade original era somente boa, bela e verdadeira até que o ser humano começou a estragá-la pela inveja, pois, o bem do outro, o bem que nos é exterior, traz a consciência dos nossos males, como uma dialética automática (comparação). Desejamos destruir essa consciência, assim como o feio quer quebrar o espelho que lhe mostra a feiúra; o ser humano quer brilhar sozinho e com isso acaba destruindo não somente a beleza a sua volta como a própria (PACHECO, 1994, p. 85).

3.3.2 A Inveja Individual e a Psicopatologia

Os seguintes aforismos do livro *Origem das Enfermidades* podem dar uma idéia de quão terrível é a patologia da inveja (de que pouca gente tem consciência):

A Inveja Consiste Em Dizer Não ao Bem, Colocar o Horrível no Belo e a Mentira na Verdade; Todo Sofrimento Advém da Inveja; A Consciência da Inveja Abre as Portas Para a Volta ao Paraíso; A Inveja Constitui o Pecado Original da Humanidade; Em Tudo o Que o Ser Humano Faz, Entra a Inveja na Base; Ou a Humanidade Percebe a Inveja, ou Toda Ela Perecerá; Toda Psicoterapia Transcorre Basicamente Sobre a Problemática da Inveja (KEPPE, 2000, p. 131).

As seguintes figuras e textos, cedidos gentilmente pela Editora Proton Ltda., mostram como a inveja se manifesta no ser humano:



Joãozinho quebra o carrinho do irmão. Está com inveja da alegria do irmão e quer agredi-lo.



Joãozinho agora está crescido e quebrou o seu automóvel. Ele ia levar a família passear e todos estavam alegres. Inconscientemente, ele quis desagradar todo mundo, e agora está desesperado com o que fez.



Muitos pensam que só os pobres têm inveja dos ricos. Não percebem que todos têm inveja, em maior ou menor grau. Os indivíduos mais invejosos são justamente os anais sádicos postados do poder econômico-social. Eles criam leis para esmagar o povo e causar sofrimento geral. Estragam a alegria de milhões de uma penada. Por isso vivem doentes e perecem geralmente logo. Assim, o invejoso ataca o bem, inclusive o próprio (NETO, 2010, p. 5).

3.3.3 A Inveja nos Meios de Comunicação e a Sociopatologia

3.3.3.1 A Escola Base e o Padre Lancelotti

O caso do ataque midiático ao proprietário da Escola Base ou ao padre Lanceloti, ambos pessoas honestas, acusadas injustamente de pedofilia e inocentados pela justiça, são exemplos de como a inveja inconsciente dos comunicadores e outros agentes sociais causam estragos, às vezes irreparáveis, na sociedade (e na vida dos próprios comunicadores, que também adoecem devido aos

sentimentos de culpa inconscientizados). Mas também o silêncio diante do bem, o ocultamento de notícias positivas para a coletividade, devido a uma mórbida desconfiança contra as pessoas de valor, é também uma forma acentuada de inveja.

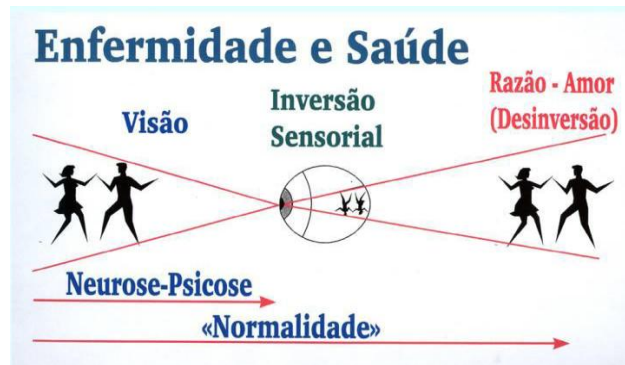
3.4. A Inversão

3.4.1 O que Significa Inversão

Inversão é ver a realidade ao contrário do que é (por ex., ver algo bom como ruim e vice-versa). A Inversão é a principal descoberta de Norberto Keppe:

Toda a principal base de meu trabalho repousa sobre o processo de inversão, que descobri em setembro de 1977. Ele deu a maioria das respostas que eu procurava e, principalmente, permitiu desvendar alguns enigmas da Psicanálise Tradicional, como a ideia do inconsciente; aliás, o próprio Alfred Adler rejeitou na ocasião tal proposição, voltando-se para os complexos (de inferioridade). Eu comecei a notar que só poderíamos adoecer, errar, pecar (como dizem as religiões) se estivéssemos em uma atitude contrária à verdade, e como somos também uma realidade, praticamente estaríamos nos opondo a nós mesmos, em conflito com o que somos – não vitimados por um inconsciente, mas prejudicados por uma atitude de inconscientização, ou seja, ao querer esconder o que sabemos; jamais poderíamos adoecer de algo fora de nossa consciência (KEPPE, 2013, p. 1).

No gráfico seguinte, apresentado no programa de TV “O Homem Universal”, Keppe faz uma comparação entre o que acontece com nossa visão e o que sucede em nossa vida psicológica (unindo, portanto, física, biologia e psicologia):



Observem que o olho, no centro, capta a figura dos dançarinos de ponta-cabeça. Ou seja, na retina, sempre a imagem aparece invertida (inversão sensorial). Depois, a mente (à direita) recoloca a imagem em sua posição normal. Imaginem se a mente não fizesse essa desinversão. Nós enxergaríamos tudo de pernas para o ar! E existe mesmo uma doença rara da visão em que a pessoa vê tudo assim! Na inversão psicológica, sucede o mesmo. Nossa mente faz a mesma coisa com os fatos, conceitos. Primeiro, vê as coisas ao contrário do que são. Ex.: vê uma pessoa boa e acha que é má (devido à inveja). Ou vê uma pessoa ruim, e lhe parece boazinha. Depois, se a pessoa for menos invejosa, desinverte o que viu, e enxerga a realidade. Mas, normalmente, ela continua vendo invertido, e aí entra na confusão (NETO, 2010, p. 20).

3.4.2 Inversão Individual e as Doenças Psícorgânicas

A escolha do que nos prejudica e a rejeição ao que nos beneficia é a consequência imediata da inversão, ocasionada pela inveja, e ocorre muito em nosso cotidiano, como se pode verificar no exemplo seguinte:



Aqui temos um bom exemplo de inversão. A pessoa que acha que um vício qualquer vai lhe trazer grande felicidade, e não que aquilo vai destruir toda sua Inteligência, capacidade, sentimentos e a própria vida. Ela vê o vício como bom, e os hábitos naturais como ruins (NETO, 2010, p. 21).

3.4.3 A Inversão na Mídia

De acordo com (NETO, 2010), a mídia (rádio, jornais, revistas, televisão) ajuda bastante nessa inversão; uma das maneiras é ao fazer a apologia das bebidas, cigarros e outros vícios nas propagandas; ou da intriga, hipocrisia, violência e golpes através dos heróis de novelas; sempre nos comerciais de cigarro ou de cerveja, aparecem pessoas alegres, realizadas e saudáveis, sugerindo ainda que sua alegria, saúde e sucesso viriam do álcool que bebem e da fumaça que respiram! A mídia controlada pelo poder econômico atua, assim, como um grande hipnotizador das massas para levá-las à degradação, alienação e destruição.



Ilustração gentilmente cedida pela Proton Editora Ltda.

Os casos apontados na inveja, teomania e censura podem ser relacionados também ao processo de inversão.

3.5 A Patologia do Poder e os Meios de Comunicação

No livro *A Libertação dos Povos – a Patologia do Poder*,¹⁸ capítulo *Meios de Comunicação no Poder*, Keppe analisa os problemas que os jornalistas e o povo enfrentam hoje, por estarem os meios de comunicação sob domínio dos detentores do poder econômico – geralmente pessoas muito perniciosas, devido ao fato de serem excessivamente patológicas. Nesse trabalho, ele propõe as soluções que podem ser adotadas pelos comunicadores e demais pessoas que trabalham, a fim de resolverem juntos esses dilemas. Apresentamos, a seguir, excertos desse capítulo (em *italic*, entre aspas), seguidos de comentários nossos.

3.5.1 Entendimento dos Problemas da Mídia Sob a Patologia do Poder

Para Keppe, os maiores problemas dos meios de comunicação atuais, sobretudo os voltados para o jornalismo, são os seguintes:

¹⁸ Este livro foi disponibilizado gratuitamente pelo autor para download no site www.libertacaodospovos.org

3.5.1.1 Elogio Constante aos Poderosos da economia, fornecendo suporte midiático a todas as suas patologias: *“A economia se apossou dos meios de comunicação para incensá-la; assim sendo, o que se vê é um elogio constante aos poderosos e a qualquer ideia e pessoa que melhorem esse poder”*.

3.5.1.2 Assuntos Vitais Não Cuidados. Assuntos vitais para o povo, como a fome no mundo, as desigualdades sociais, as doenças originadas pela poluição, agrotóxicos, vacinas, flúor na água, entre outros, não são cuidados pelos meios de comunicação, de modo a conscientizar suas causas e apresentar as soluções para mudar a sociedade, porque tais assuntos *“são contra os interesses dos poderosos que, por sua vez controlam os jornais, revistas, rádio e televisão”*.

3.5.1.3 Colocação do Planeta em Perigo de Destruição . Como já se observa mundialmente, há um grande perigo de destruição do planeta e da humanidade, sem que a maior parte dos comunicadores rompam o pacto de Fausto com os poderes malignos: *“Como a sociedade é dominada pelos indivíduos mais doentes do poder econômico-social, estamos todos em perigo; o povo cada vez mais é alienado (drogas, bebidas, comida, T.V., diversão) e, com isso, mais massacrado pelos poderosos”*.

3.5.1.4 Perda de Contato com o Povo. Esse é o motivo do fechamento de tantos jornais ultimamente. Os assuntos noticiados não têm mais nada a ver com o povo, que até parece estar demais na humanidade: *“Temos de ler um artigo sobre grupos fanáticos no Oriente Médio, ou o aumento do poder japonês, ou diretamente os anúncios de que um tipo de computador é melhor do que outro; que uma companhia de aviação fornece melhor comida que outra etc.”*, ou seja, jornais, revistas, rádios e TVs viraram catálogos de propaganda para vender mais. *“Dizendo mais claramente: os meios de comunicação são realizados pelos poderosos e para aumentar seus poderes, explorando mais o povo; quando um indivíduo se destaca, ele é imediatamente usado com esta mesma finalidade”*. Basta ver como os artistas e jogadores de futebol, ou mesmo as mulheres bonitas são usados para promover todo tipo de venda de artigos e ideias, e através disso: *“O povo é espoliado, alienado, drogado por esses grupos que dominam a sociedade”*.

3.5.1.5 Impedimento à Conscientização. *“Os meios de comunicação atualmente constituem uma barreira contra a consciência muito forte; por este motivo estão se tornando maléficos para o povo, as nações e toda a humanidade”. Porém, nem tudo está perdido, afirma Keppe, pois “não podemos nos esquecer dos grandes comunicadores que, inclusive, trazem glória para as empresas em que trabalham, e confiança nesse tipo de atividade. Sei que existem indivíduos de enorme valor nos meios de comunicação, e que: 1. Estão enganados como as empresas em que trabalham; 2. Não têm os meios para se desenvolver verdadeiramente. Eles precisam lutar para que a liberdade de imprensa volte a vigorar, como sendo o único caminho de preservar o seu próprio trabalho”.*

3.5.1.6 A Hora da Mudança

Keppe alerta que é tempo de acordar e mudar, pois os comunicadores, uma vez que constituem a voz da consciência social, não podem deixar que esta seja calada, ou virá a destruição para o povo, inclusive para eles próprios e suas famílias: pais, mães, tios, amigos, irmãs e irmãos, filhos e netos. *“Os jornalistas, radialistas e artistas do cinema e televisão precisam ver que constituem todo o poder nos meios de divulgação, e que estão sendo explorados e impedidos de se desenvolver pelo poder econômico, que domina suas empresas. É tempo de acordar e ver que eles têm de ser a consciência da sociedade, que não pode ser calada, sob pena de destruir a própria civilização”.*

3.5.1.7 Propostas Keppeanas para Solucionar os Problemas

Como sempre afirma Keppe, a única resolução possível vem da consciência e do trabalho, não só do povo, mas dos comunicadores: *“Estamos no tempo de formar nossos próprios meios de produção, comunicação e venda, para evitar tal vexame”.* Vale dizer que tal tarefa foi extremamente facilitada atualmente pela internet; todo profissional pode ter agora o seu blog ou site, divulgando o que apura dos acontecimentos ao maior número possível de pessoas (internautas), havendo até jornais diários virtuais postados na internet, sem custos excessivos para os seus

realizadores. *“O povo precisa conscientizar o fato de que ele é atacado violentamente por uma minoria constituída por indivíduos frios, agressivos e desonestos. Em cada país eles formam um pequeno grupo, que retém todo o poder: 500 famílias, 400, ou até menos, mas que constituem a praga da humanidade”.*

Por este motivo, diz Keppe, *“é importante construir agora a nossa sociedade, isolando o velho e corrupto poder”.*

CAPÍTULO 4

Psico-Sócio-Terapia Pelos Meios de Comunicação

4.1 Contextualização da Psico-Sócio-Terapia

Assim como a psico-sócio-patologia é gerada pela conduta de rejeitar a consciência dos erros e do bem que há na vida (por causa da inveja), a psico-sócio-terapia acontece quando a pessoa aceita a consciência do que percebe em si própria, e no mundo exterior, eliminando-se os focos de tensão. A experiência analítica no trato com os doentes demonstra que, ao aceitar a consciência, a pessoa sempre se restabelece, porém quando resiste muito à percepção, tem maior dificuldade em alcançar o restabelecimento.

4.1.1 A Psicoterapia (Conscientização Individual)

De acordo com nossa própria observação, repetida e continuada ao longo dos anos, na psicoterapia da Psicanálise Integral, quando a pessoa se deita no divã e aceita começar a ver seus problemas e suas causas (assim como as qualidades alheias!), ela imediatamente se cura de muitos sintomas orgânicos (doenças), porque começou a diminuir a censura à consciência, que é a própria doença em si. Ela se torna mais alegre, produtiva, melhora nos relacionamentos, porque está vencendo a causa fundamental dos problemas. Não é difícil perceber que a diminuição da censura à consciência na vida social, pode igualmente auxiliar imensamente a coletividade.

O caso desta paciente, portadora de lupus eritematoso (doença que pode levar à morte) e que obteve grande melhora com o tratamento psicanalítico integral, pode ilustrar melhor como se dá a terapia a nível psíquico. Embora um pouco longo, consideramo-lo um dos mais ilustrativos e didáticos. Foi narrado pela dra. Cláudia B.S. Pacheco, em seu livro *A Cura pela Consciência*:

Atendi certa ocasião uma paciente que nos procurou pois sabia que seu caso não teria solução pela medicina tradicional. A doença já estava em

grau relativamente avançado — seu nariz trazia sinais já evidentes da moléstia e uma certa escamação nas mãos. Era ainda jovem, com pouco mais de trinta anos. Casada, mãe de três filhos, levava uma vida completamente desligada da realidade. Vivia praticamente separada do marido, sob o cuidado de seus pais, como uma adolescente solteira. Negava-se a assumir responsabilidades e só veio se tratar pois sentia muitas dores no corpo à noite.

Desde o início, mostrou que nutria um intenso ódio ao marido, o que era muito alimentado por sua mãe. Tinha frequentes ausências — sentia afastar-se do local onde se encontrava e, às vezes, quando deitada, via-se afastar do próprio corpo, olhando para si mesma, à distância, numa voluntária fuga da realidade. Na terceira sessão de análise, relatou que nutria muito ódio pelas pessoas, desde pequena. No colégio, vivia afastada das amiguinhas. Casou-se sabendo que não gostava do marido e, já no dia do casamento, brigou com a sogra, sogro e cunhada.

Dizia que o único sentimento que conhecia era o ódio. E que odiava, intensamente, dia e noite sem parar. Dificilmente sentia amor por alguém, por alguns instantes — mas logo voltava ao ódio. Preferia agredir através do silêncio e o desprezo, pois acreditava que assim obteria bons resultados. Certamente uma pessoa que odeia sem parar, está constantemente segregando adrenalina e noradrenalina e descarregando na corrente sanguínea uma quantidade tão grande desses e outros hormônios, que jamais seu organismo poderia absorver sem causar sérias alterações endócrinas e neuroimunológicas. O mecanismo de stress que se instalou nesta paciente, provocou conseqüências desastrosas.

Conscientizada do perigo enorme que estava correndo permitindo que o ódio dominasse sua vida e, conseqüentemente, o seu organismo, ficou muito assustada e disse que jamais imaginara que ela própria estaria se matando. Seu tratamento consistiu em conscientizá-la de que não tinha ódio pelo marido, ou pela sogra, mas pela consciência que eles lhe traziam. Por exemplo, costumava associar o marido a “desumanidade, grosseria, estagnação”. Interpretação: a cliente não queria se conscientizar de que tratava da sua vida de uma forma desumana, alheando-se totalmente de seus problemas, estando numa total estagnação e destruição de sua saúde psíquica e orgânica.

Após dois meses de análise, dizia estar se sentindo praticamente curada, sem dores nem qualquer manifestação da moléstia. Havia suspenso totalmente a medicação. Ao lado disso, dizia em suas sessões: “sinto-me

como se tivesse voltado à minha adolescência, com muita alegria de viver. Hoje gosto de dançar, brincar e cantar e fico surpreendida de como posso enfrentar tantos problemas em minha casa e minha família sem sucumbir e ainda ajudar. A alegria e a felicidade são como um remédio que vou tomando e que está fazendo efeito sobre minha doença. Estou me curando com pílulas de alegria e nenhum médico acreditava nisso! Minha família está atônita sem entender o que se passa comigo". (PACHECO, 1994, p. 96)

Nesta figura, constante de seu livro *ABC da Trilogia Analítica*, edição em espanhol, dra. Pacheco ilustra como se dá a psicoterapia, através de um processo de lidar, com calma e diretamente com a própria censura:



A censura à consciência, como mostra a figura, é um enorme dragão impedindo o ser humano de subir a escada da realização, para atingir a felicidade; cada degrau chama-se amor, ação boa, bela, verdadeira. Toda a vez que a pessoa pretende fazer uma ação amorosa, bonita ou verdadeira, imediatamente nota que tem uma enorme resistência, e então aparece a sua forte censura para não ver esse problema e o que está por trás dele (inversão, inveja, teomania...). A única maneira

de vencer a censura é mostrada pelo dragão: “somente aquele que tem afeto é tolerante para me vencer e cruzar esta porta!”

Portanto, a psicoterapia consiste em diminuir a censura à consciência do ser humano, e não em censurá-lo ainda mais, como se vê em muitos programas de televisão em que os apresentadores portam-se como inquisidores medievais censurando e esbravejando diante dos erros que veem na sociedade. Com essa atitude fortalecem a censura de seus telespectadores e a própria, adoecendo-os (e a si mesmos) ainda mais.

Para Keppe,

O magno problema humano não é o de conhecer a verdade, mas o de aceitá-la, ou não. E essa verdade (em nós) é principalmente a consciência dos próprios erros que, admitidos, deixarão de ser falhas.

O que geralmente chamamos de erros é admitir que somos seres humanos, com uma inteligência limitada, com falhas no campo afetivo, com dificuldade no trabalho; caso aceitemos tal situação, imediatamente encontraremos maior facilidade em todos os setores da existência. (KEPPE, 1981, p.23)

4.1.2 A Socioterapia (Conscientização Social)

A terapia da vida social, assim como na individual, advém da diminuição da censura à consciência na organização da sociedade. Como a consciência da sociedade são os meios de comunicação social, são justamente eles que precisam livrar-se da própria censura, para ajudar os seres humanos que formam a coletividade.

São os comunicadores que têm o principal dever de levar a terapia para a sociedade embora, para Keppe, a socioterapia constitua uma tarefa a ser realizada também por todos:

De modo geral, estou tentando esclarecer que é impossível haver paz no mundo, se não for realizada uma psicossocioterapia, ou melhor, uma psicoterapia conjuntamente com a socioterapia. Não é possível tratar só do indivíduo, se ele habita uma sociedade patológica; temos de cuidar dos dois concomitantemente. Se a humanidade está como está, todos nós temos

culpa, principalmente os que têm cultura e melhor informação; desde a dona-de-casa, que escraviza uma empregada doméstica, até o grande empresário e o governo que organizam o país, conforme seus interesses imediatistas e egoístas, todos os que participam disso são pessoas imorais; isso, sim, é falta de ética, isto é um absurdo e crime contra a humanidade. As conseqüências são evidentes: guerras, lutas, assaltos, violências e roubos. Porém, para que façamos uma sociedade justa (para todos nós), precisamos da colaboração de cada um de vocês; assim, será relativamente fácil transformar o país e a humanidade, e num prazo relativamente pequeno. Acredito que em dez anos poderemos fazer da Terra um Paraíso — não de árvores e bichos apenas, mas de máquinas maravilhosas, pessoas inteligentes (KEPPE, 1987, p. 83)

Segundo ele, é impossível tratar o ser humano sem cuidar da sociedade, e ambos têm patologias idênticas; a sociedade humana teria de refletir a essência divina, que é o bem, a verdade e a beleza na face da Terra:

Nem o ser humano endireita por si próprio, e nem a sociedade; se não houver um trabalho com ambos é impossível uma mudança profunda na face da Terra — e este trabalho tem de ter o mesmo fundamento, isto é, a percepção de idênticas patologias, e dos mesmos interesses e ideais. É importante que o ser humano e a sociedade notem que, por causa da sua doença, eles desviaram seus objetivos de vida, tornando-se duas peças emperradas, dentro do incrível mecanismo universal, de perfeição e harmonia. É muito importante perceber que uma grande carga de angústia e mal-estar é proveniente do tipo de estrutura social, dentro da qual vivemos — porque todos os maus desejos (que desejamos esconder) se manifestam na sociedade. Por exemplo: a exploração do próximo, não só a econômica, como a emocional, a familiar, escolar, são "legalizadas" socialmente. E não é que nossas leis sejam atrasadas — elas são frontalmente contra os interesses da civilização. Basta ver o desnível econômico, racial, sexual, que existe. Desde criança, somos obrigados a pensar que existe uma diferença entre homem e mulher, rico e pobre, branco e preto, culto e ignorante — a ponto de Aristóteles justificar a escravidão, e os senhores da Idade Média duvidarem que os indivíduos inferiores tivessem uma alma. Agora, temos de admitir que a sociedade humana fracassou; por este motivo, estamos propondo o modelo trológico, que é a imagem do Criador sobre a Terra (KEPPE, 1987, p. 175)

Para terapizar a sociedade, Keppe criou um novo modelo de empresa, onde todos os que trabalham são sócios, denominado empresa trilogica, que deu muito certo em todos os países em que foi aplicado (a Escola de Línguas Millennium, em São Paulo, há 15 anos atuando com sucesso na capital paulista, é um exemplo disso).¹⁹ Também elaborou um novo modelo de residência, com a convivência de várias pessoas e famílias, denominada residência trilogica, que se mostrou muito mais econômica e terapêutica para seus associados, do que as tradicionais. Estes modelos, que já foram aplicados nos Estados Unidos, Europa e Brasil, estão descritos em vários livros de Norberto Keppe: 1) A Libertação dos Povos; 2) Trabalho e Capital; 3) Sociopatologia; e também no livro de Cláudia B.S. Pacheco “ABC da Trilogia Analítica”.

Na sociedade, a socioterapia (termo também criado por Keppe) acontece através da consciência social, trazida pelos grandes gênios, artistas, teólogos, pensadores e cientistas mais equilibrados (que erraram menos), cujos trabalhos deveriam ser difundidos e transmitidos pelos meios de comunicação, ao invés da mesmice do noticiário de receitas de bolo, ganhadores da quina, crimes e enchentes (sem nunca analisar as causas nem propor soluções) etc. E mais terapêutico ainda é tudo aquilo que nos leva a perceber os próprios erros: conhecer-se a si próprio é, principalmente, perceber as próprias falhas, sem censura.

Dentro desse panorama, um trabalho como o de Keppe, que procura reunir em sua terapia, a experiência clínica, as próprias descobertas científicas, a teologia, a filosofia, as artes e a ciência, evidentemente tem um alcance inimaginável – como já demonstrou na prática em inúmeros países – e constitui um escândalo o fato de que este trabalho tem sido cuidadosamente escondido, omitido, negado nos meios de comunicação mais corrompidos, impedindo que a população se beneficie, por força da patologia do poder econômico que domina os veículos, e também por causa das inversão e inveja de muitos jornalistas.

Se alguém me perguntasse como a mídia poderia ajudar a terapizar a sociedade, eu responderia: “um primeiro passo seria criando vergonha e difundindo um trabalho psico-sócio-terapêutico como o de Norberto Keppe” – pois constitui um

¹⁹ www.millennium-linguas.com.br

verdadeiro escândalo e crime de lesa-humanidade que o conservem escondido para satisfazer os interesses dos que são contrários à vida, ou seja, os poderosos da economia, que escravizam os seres humanos através do dinheiro e das leis “ilegais”.

Se a própria tradição jornalística afirma que a principal notícia é um fato incomum em pessoa incomum, nada mais incomum do que este cientista realizou, e poucas pessoas no mundo são tão incomuns quanto ele, portanto é absolutamente incompreensível o manto de obscuridade que fizeram ao seu trabalho. Devemos fazer justiça porém aos jornalistas do jornal Estado de Minas e Diário da Tarde, ambos de Belo Horizonte, e também a inúmeros de diários de notícias mineiros de várias cidades, que sempre divulgaram sua ciência; parece que os locais onde a maior corrupção e censura do poder econômico se concentra é em São Paulo e no Rio, na maior parte da imprensa em geral, com raras exceções.

Portanto, por esta simples circunstância, o leitor deste trabalho já pode saber identificar quais são as mídias vendidas à corrupção do poder econômico e quais são que fazem jornalismo sério, voltado aos interesses da população.

4.1.3. Experiências Concretas de Terapia pela Comunicação

4.1.3.1 O Livro-Terapia

Em 1983, Keppe publicou o primeiro livro em que procurou aplicar sua descoberta sobre a Inversão, trazendo apenas mensagens desinvertidas. Este livro se chamou “A Libertação”, e é considerado básico para entender o seu trabalho. Logo, inúmeras pessoas começaram a escrever à editora narrando que haviam se acalmado muito e tinham se restabelecido de sintomas orgânicos, como úlceras, enxaquecas etc., somente com sua leitura: a Libertação. Em virtude disso, o autor colocou esta informação na capa: “Livro-Terapia: Trata-se de um livro considerado terapêutico em decorrência das curas obtidas somente com a sua leitura”.

Posteriormente, outros livros publicados na mesma linha, como “A Cura pela Consciência, Teomania e Stress”, de Cláudia Pacheco, também obtiveram resultados semelhantes.

Teve-se então a idéia de levar ao maior número possível de pessoas esses conceitos terapêuticos, para ajudar a população a se acalmar e vencer suas doenças psicossomáticas.

4.1.3.2 Palestras e Leituras Terapêuticas

Nasceu do fato mencionado no item 4.1.3.1 a idéia de organizar palestras gratuitas para a população, e realizar grupos de leitura dos livros-terapia, com resultados muito positivos testemunhados pelos participantes. Essas palestras continuam até hoje, sendo ministradas nas unidades da Escola de Línguas Millennium (Rebouças, Augusta, Moema e Santo Amaro), sendo ministradas pelos psicanalistas da SITA e professores psico-sócio-terapeutas da Millennium.

4.1.3.3 Programas de Rádio e de TV Terapêuticos

Uma vez que a grande mídia convencional da cidade de São Paulo, com raras exceções, ficou criminosamente fechada e impenetrável a estas descobertas, surgiu a necessidade de criar os próprios meios de divulgação destes conceitos terapêuticos. Foi assim que nasceu um programa de rádio semanal – *O Homem Universal* – apresentado semanalmente pelo dr. Norberto Keppe, dra. Cláudia Pacheco e convidados especiais na rádio Mundial. Paralelamente a isso, passou a filmar na própria clínica dois programas: “O Homem Universal” (com uma hora de duração) e “STOP a Destruição do Mundo” (de meia hora), que começaram a ser transmitidos pela TV Comunitária (TV Aberta) uma vez por semana na cidade de São Paulo e no grande ABC.²⁰

O interesse despertado pela qualidade cultural, científica e terapêutica desses programas, levou emissoras da TV-Com das principais capitais do Brasil pedir cópias para transmiti-los em suas cidades e regiões. A transmissão logo ganhou também as TVs universitárias, e passaram a ser enviadas cópias dubladas ou legendadas a outros países. Hoje, o programa é transmitido por mais de 200 emissoras em 80 países, como Suécia, Finlândia, Estados Unidos, China...

²⁰ Esses programas podem ser acessados no site www.stop.org.br

realizando uma terapia social à própria custa (tudo é autofinanciado pela SITA, sem auxílios ou subvenções de qualquer espécie, num trabalho desinteressado de conscientização do povo).

Cabe mencionar, ainda, o programa de rádio na net (podcast) criado pelo comunicador canadense Richard Jones.²¹

4.1.3.4 Ensino-Terapia

Dentro dessa comunicação social, que consiste em levar ao povo a conscientização, surgiram em São Paulo empresas do modelo trilógico, sendo a principal a Escola de Línguas Millennium reunindo professores de vários países, que estudam a ciência trilógica. Essas escolas de idiomas decidiram levar aos alunos não só um ensino de línguas, mas uma psico-sócio-terapia. Norberto Keppe criou então o método de ensino denominado Psicolinguístico Terapêutico Trilógico, em que são transmitidos aos alunos, junto com os conceitos lingüísticos, os terapêuticos, advindos principalmente dos livros-terapia trilógicos existentes, assim como de obras artísticas, científicas, filosóficas, teológicas e culturais. Vídeos, música, filmes e leitura integram este tipo de ensino que revolucionou o aprendizado de idiomas em São Paulo. Tal modelo de ensino foi aplicado também em escolas do ensino fundamental, com excelentes resultados.

4.1.3.5 O Jornal Terapêutico STOP

Os professores da Millennium poderiam ter utilizado um dos muitos veículos de existentes para anunciar sua escola : TVs comerciais, jornais, revistas, estações de rádio, outdoors... Porém, optou-se por criar um jornal, de 4 páginas apenas, que levasse ao povo os conceitos terapêuticos, e onde se pudesse divulgar o próprio estabelecimento de ensino.

Nasceu então o jornal STOP a Destruição do Mundo, em maio de 2008, que busca trazer assuntos vitais à população, mas que não são divulgados como deveriam ser nas mídias tradicionais.

²¹ <http://www.consciousplanetradio.com/cpr-hosts/richard-lloyd-jones/> e www.somebodyelseshead.blogspot.com

O jornal STOP nº 52, de maio de 2011, é um bom exemplo da diversidade e da importância dos assuntos tratados, quando se busca fazer um jornal voltado para ajudar o público a resolver suas dificuldades.



Na página 1, num artigo psicoterápico de Norberto Keppe, trata-se de conscientizar o problema fundamental do ser humano: a inversão, causada pela inveja, que lhe torna difícil aceitar o que é bom para si mesmo: a saúde, a vida, a beleza, a bondade interna, e o leva a escolher, inconscientemente, os vícios, a morte, a feiúra e o mal para si e para os outros. Se conscientizado 10% que seja, deste problema, o leitor poderá ter um enorme desenvolvimento em sua vida.



Na página 2, num primeiro artigo, dirigido aos educadores, mostra como a ciência da psico-sócio-patologia pode ser usada para lidar com problemas como o bullying em sala de aula; a segunda matéria, do médico independente Roberto Giraldo, mostra as manipulações das grandes corporações farmacêuticas para usar os brasileiros como cobaias em experimentos com a vacina contra dengue; finalmente, noutro artigo sobre saúde, de nossa autoria, revela ao público e aos especialistas os perigos que representa a adição de flúor nas águas de abastecimento público, medida essa proibida em praticamente todos os países da Europa, mas em pleno vigor no Brasil, devido ao lobby de alguns odontologistas.

E possível, naturalmente, duas coisas parafusadas que o tornam possível: pode ser a falta de um espaço de trabalho e a ausência de um meio e a não existe (ou melhor) a que acaba por angustiar as questões econômicas, jurídicas e de despesa orgânica, através do sistema geral pelo qual se resolve o conflito. O conflito entre dois seres e dos problemas, sendo que os humanos com grande parte a maioria.

Estudo de estudo de caso único, o qual envolveu apenas, os dois membros da família, sendo a narrativa exposta em uma sessão com o filho da mãe, através da qual, foram relatadas as circunstâncias, bem como o grupo de apoio, percebido que, diante da situação de saúde dos filhos, os pais buscavam apoio, através dos filhos, que estavam, utilizando, também, esse mesmo grupo, assim como os pais, com o intuito de se apoiar uns a outros.

[illegible]

13 A verdadeira raiz das neuroses e psicoses, é a teorização o desejo escondido em todos os corações humanos de ser poderoso como um deus. **14**

... e, portanto, não há nada de novo em se considerar a possibilidade de que a validade de qualquer enunciado dependa de que tenhamos participado de tal ou tal experiência.

Atividade desenvolvida em sala de aula:
com participação de todos os alunos
intermediada pelo professor

PALESTRAS
Como Planar a Fábrika de
Pernambuco Negadmo

Usted, finalmente, podrá tener acceso al nivel de la vida que usted merece. ¡Eso es todo lo que necesita saber! ¡Eso es todo lo que necesita saber!

Sei un professore di filosofia. Quali sono le tue idee sulla filosofia? Quali sono le tue idee sulla filosofia? Quali sono le tue idee sulla filosofia?

Quando, então, Paulo fala, a despeito da sua idade, maior ou menor, ele não se dá conta de que está falando com todos os presentes, mas apenas com aqueles que se interessam por ele. Quando ele fala, ele não quer ser ouvido por todos, mas apenas por aqueles que se interessam por ele. Quando ele fala, ele não quer ser ouvido por todos, mas apenas por aqueles que se interessam por ele.

PALESTRAS

Il sistema di gestione delle informazioni è un sistema che consente di gestire le informazioni in modo efficiente e sicuro. Il sistema di gestione delle informazioni è un sistema che consente di gestire le informazioni in modo efficiente e sicuro.

[illegible]

As public interest waned? (A. STEINBERG, 1999, *San Francisco Chronicle*, January 10, 2000; *World Science Fiction*, 1999; *Queens Journal*, 1999; *Chicago Tribune*, 1999; *Wong*, 1999, *TIME*).

It would be ironic the greatest science-fictioner in the world found it difficult to sell his own science-fiction. Indeed, he had a real aversion.

Dr. John S. Gibbonelli, MD, PhD
1000 E. 12th St.
Chicago, IL 60605, USA
E-mail: john.gibbonelli@mcgill.edu
Dr. Gibbonelli is Professor and Chair of the Department of Neurobiology at the University of Illinois at Chicago, Chicago, IL 60607, USA
www.scholarlink.illinois.edu

1. **Introduction**
 2. **Background**
 3. **Methodology**
 4. **Results**
 5. **Conclusion**
 6. **References**
 7. **Appendix**
 8. **Index**
 9. **Table of Contents**
 10. **Summary**
 11. **Abstract**
 12. **Keywords**
 13. **Subject Headings**
 14. **Notes**
 15. **Footnotes**
 16. **References**
 17. **Appendix**
 18. **Index**
 19. **Table of Contents**
 20. **Summary**
 21. **Abstract**
 22. **Keywords**
 23. **Subject Headings**
 24. **Notes**
 25. **Footnotes**
 26. **References**
 27. **Appendix**
 28. **Index**
 29. **Table of Contents**
 30. **Summary**
 31. **Abstract**
 32. **Keywords**
 33. **Subject Headings**
 34. **Notes**
 35. **Footnotes**
 36. **References**
 37. **Appendix**
 38. **Index**
 39. **Table of Contents**
 40. **Summary**
 41. **Abstract**
 42. **Keywords**
 43. **Subject Headings**
 44. **Notes**
 45. **Footnotes**
 46. **References**
 47. **Appendix**
 48. **Index**
 49. **Table of Contents**
 50. **Summary**
 51. **Abstract**
 52. **Keywords**
 53. **Subject Headings**
 54. **Notes**
 55. **Footnotes**
 56. **References**
 57. **Appendix**
 58. **Index**
 59. **Table of Contents**
 60. **Summary**
 61. **Abstract**
 62. **Keywords**
 63. **Subject Headings**
 64. **Notes**
 65. **Footnotes**
 66. **References**
 67. **Appendix**
 68. **Index**
 69. **Table of Contents**
 70. **Summary**
 71. **Abstract**
 72. **Keywords**
 73. **Subject Headings**
 74. **Notes**
 75. **Footnotes**
 76. **References**
 77. **Appendix**
 78. **Index**
 79. **Table of Contents**
 80. **Summary**
 81. **Abstract**
 82. **Keywords**
 83. **Subject Headings**
 84. **Notes**
 85. **Footnotes**
 86. **References**
 87. **Appendix**
 88. **Index**
 89. **Table of Contents**
 90. **Summary**
 91. **Abstract**
 92. **Keywords**
 93. **Subject Headings**
 94. **Notes**
 95. **Footnotes**
 96. **References**
 97. **Appendix**
 98. **Index**
 99. **Table of Contents**
 100. **Summary**
 101. **Abstract**
 102. **Keywords**
 103. **Subject Headings**
 104. **Notes**
 105. **Footnotes**
 106. **References**
 107. **Appendix**
 108. **Index**
 109. **Table of Contents**
 110. **Summary**
 111. **Abstract**
 112. **Keywords**
 113. **Subject Headings**
 114. **Notes**
 115. **Footnotes**
 116. **References**
 117. **Appendix**
 118. **Index**
 119. **Table of Contents**
 120. **Summary**
 121. **Abstract**
 122. **Keywords**
 123. **Subject Headings**
 124. **Notes**
 125. **Footnotes**
 126. **References**
 127. **Appendix**
 128. **Index**
 129. **Table of Contents**
 130. **Summary**
 131. **Abstract**
 132. **Keywords**
 133. **Subject Headings**
 134. **Notes**
 135. **Footnotes**
 136. **References**
 137. **Appendix**
 138. **Index**
 139. **Table of Contents**
 140. **Summary**
 141. **Abstract**
 142. **Keywords**
 143. **Subject Headings**
 144. **Notes**
 145. **Footnotes**
 146. **References**
 147. **Appendix**
 148. **Index**
 149. **Table of Contents**
 150. **Summary**
 151. **Abstract**
 152. **Keywords**
 153. **Subject Headings**
 154. **Notes**
 155. **Footnotes**
 156. **References**
 157. **Appendix**
 158. **Index**
 159. **Table of Contents**
 160. **Summary**
 161. **Abstract**
 162. **Keywords**
 163. **Subject Headings**
 164. **Notes**
 165. **Footnotes**
 166. **References**
 167. **Appendix**
 168. **Index**
 169. **Table of Contents**
 170. **Summary**
 171. **Abstract**
 172. **Keywords**
 173. **Subject Headings**
 174. **Notes**
 175. **Footnotes**
 176. **References**
 177. **Appendix**
 178. **Index**
 179. **Table of Contents**
 180. **Summary**
 181. **Abstract**
 182. **Keywords**
 183. **Subject Headings**
 184. **Notes**
 185. **Footnotes**
 186. **References**
 187. **Appendix**
 188. **Index**
 189. **Table of Contents**
 190. **Summary**
 191. **Abstract**
 192. **Keywords**
 193. **Subject Headings**
 194. **Notes**
 195. **Footnotes**
 196. **References**
 197. **Appendix**
 198. **Index**
 199. **Table of Contents**
 200. **Summary**
 201. **Abstract**
 202. **Keywords**
 203. **Subject Headings**
 204. **Notes**
 205. **Footnotes**
 206. **References**
 207. **Appendix**
 208. **Index**
 209. **Table of Contents**
 210. **Summary**
 211. **Abstract**
 212. **Keywords**
 213. **Subject Headings**
 214. **Notes**
 215. **Footnotes**
 216. **References**
 217. **Appendix**
 218. **Index**
 219. **Table of Contents**
 220. **Summary**
 221. **Abstract**
 222. **Keywords**
 223. **Subject Headings**
 224. **Notes**
 225. **Footnotes**
 226. **References**
 227. **Appendix**
 228. **Index**
 229. **Table of Contents**
 230. **Summary**
 231. **Abstract**
 232. **Keywords**
 233. **Subject Headings**
 234. **Notes**
 235. **Footnotes**
 236. **References**
 237. **Appendix**
 238. **Index**
 239. **Table of Contents**
 240. **Summary**
 241. **Abstract**
 242. **Keywords**
 243. **Subject Headings**
 244. **Notes**
 245. **Footnotes**
 246. **References**
 247. **Appendix**
 248. **Index**
 249. **Table of Contents**
 250. **Summary**
 251. **Abstract**
 252. **Keywords**
 253. **Subject Headings**
 2

Curtis Peck *ConnectMedia*
Twitter via [Internet Explorer](#)

Programas Terap
TV
 Horarios de 20h
 Segundas a 5o S
 19h30min de 20h a 20h30min
 Canal 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 83

Authors:
Markus H. Köpcke
Antonio R. L. Lima

Editor:
Holly Brocklehurst
Chapman Hill



www.up.edu.ph
DepEd Marikina City

© 2004 Blackwell Publishing Ltd, *Journal of Internal Medicine* 255: 105–112

59



Finalmente, na página 4, publica-se um artigo de nossa autoria sobre os perigos da existência de usinas nucleares em qualquer país; esta matéria analisa o fato ocorrido em Fukushima, relacionando-o com outros gravíssimos acidentes, como o de Chernobyl na União Soviética, mostrando a necessidade de substituição das fontes de energia perigosas pela nova tecnologia de energia limpa, trazendo ainda a descoberta dos Keppe Motores, que utilizam energia magnética, reduzindo em 90% o consumo de energia elétrica.

Como se vê, trata-se de assuntos de grande utilidade pública tratados cientificamente num jornal de apenas quatro páginas. O próprio leitor poderá notar que estes temas, fundamentais para sua vida e saúde, não são abordados adequadamente na chamada grande mídia, que traz centenas de espigas (páginas) para pouco milho (assunto) – estes, ainda por cima, agrotóxicos e transgênicos.

CONCLUSÃO

Diversas conclusões podem ser imediatamente tiradas deste estudo:

1. Quanto mais liberdade de consciência, maior sanidade na vida social.
2. A terapia social é feita pela divulgação da verdade, sem censura, no seio da coletividade.
3. Para tanto, os jornalistas precisam investigar criteriosamente quem está falando a verdade. Para cada fato há duas ou mais versões, que devem ser publicadas imparcialmente. Constitui atitude antiética divulgar apenas um lado da moeda (e ainda mais sendo a versão dos que têm todo o poder e dinheiro na vida social).
4. É preciso dar voz aos cientistas, pensadores e artistas honestos, que arriscam a vida para divulgar o que sabem e, geralmente, são ignorados pela mídia.
5. Ser jornalista não é ficar repetindo o *main-stream*.
6. O meio de comunicação terapêutico advém de comunicadores conscientes da psico-sócio-patologia, para não se deixarem guiar pela própria inveja, censura e inversão.
7. O ensino da ciência da psico-sócio-patologia é o mais fundamental e deve ser transmitido desde o ensino fundamental, médio e superior principalmente nos cursos de comunicação social.
8. Os comunicadores precisam criar suas próprias empresas, como afirma Keppe:
“a maneira de ser reorganizada a sociedade, seria a criação de pequenas empresas de divulgação, de jornal e revista, rádio e televisão, a serviço do ser humano; este último faria o boicote aos grandes meios de difusão que, com o tempo, seriam inteiramente neutralizados. É fundamental que grupos de profissionais nesse campo se unam para formar suas próprias empresas, que funcionem de acordo com os interesses do povos”.
9. A nosso ver, hoje a internet facilitou sobremaneira essa tarefa, mas os jornais Impressos não precisam ser descartados e podem ser feitos dessa nova maneira.
10. Para tanto, sugerimos que os jornalistas estudem a questão da sociopatologia principalmente nos livros; “A Libertação dos Povos”, “Trabalho e Capital”, “A Decadência do Povo Americano”, “Sociopatologia – Estudo da Patologia Social”, todos de Norberto Keppe, e também “ABC da Trilogia Analítica”, de Cláudia B. S.

Pacheco.. Nesses livros eles encontrarão a descrição de como montar suas próprias empresas trilógicas jornalística.

11. Também estudarem nos livros Origem das Enfermidades, de Keppe (que trata da inveja, censura e projeção) e A Cura pela Consciência, de Cláudia B. S. Pacheco, as questões da psicopatologia, que nos conservam dominados pela doença psicossocial e nos impedem de enxergar claramente a verdade, de modo objetivo.S.

12.Os comunicadores podem fazer dois tipos de empresa jornalística: a) Cooperativas trilógicas com interesse normal de lucro; b) associações informativas sem interesse primordial de ganho, por aqueles que já tenham outros meios para viver.

13. Seria bom voltar a divulgar para a população assuntos profundos, filosóficos, teológicos, da sabedoria greco-romano-judaico-cristã, pois constituem o fundamento de nossa civilização, e escondê-los constitui uma censura inadmissível, disfarçada de rigor jornalístico inexistente.

14 Finalizamos esta exposição com uma frase muito significativa para a nossa categoria profissional:

“OS JORNALISTAS SEMPRE CONSTITUÍRAM UMA CLASSE EXPLORADA PORQUE: 1) SÃO SEMPRE ELES QUE SE ARRISCAM A DAR UMA NOTÍCIA, OU ENFRENTAR OS PERIGOS DE UMA REPORTAGEM NO CAMPO DE BATALHA; 2) TUDO O QUE ESCREVEU É COADO PELOS CHEFES DAS REDAÇÕES, QUE SÃO ENCARREGADOS DE DEFENDER A FILOSOFIA DE VIDA DA EMPRESA EM QUE TRABALHAM; E, COMO SABEMOS, O QUE PREDOMINA É O PODER ECONÔMICO, QUE COLOCA TODAS AS INFORMAÇÕES NO SENTIDO DE RESGUARDAR SEU PODERIO. OS HUMILHADOS, OFENDIDOS, OPRIMIDOS E PERSEGUIDOS DEVEM SE DAR AS MÃOS PARA ROMPER ESSA BARREIRA INVISÍVEL, MAS ENORME, QUE AMORDAÇA IMPIEDOSAMENTE A CIVILIZAÇÃO, SUFOCANDO NOSSAS MAIS BELAS ASPIRAÇÕES. FALTA MUITO POUCO, MAS FALTA SER DADO ESSE PASSO DECISIVO, PARA QUEBRAR ESSE ESTRANHO RESPEITO PELOS INDIVÍDUOS DOENTES E PELOS DEMÔNIOS, QUE NOS TRAZEM PRESOS, PORQUE NÓS OS ACEITAMOS. ALIÁS, ATÉ OS POLÍTICOS PENSAM QUE DEPENDEM DELES!

REFERÊNCIAS

- BARBEIRO, Heródoto, LIMA, Paulo Rodolfo. *Manual de Telejornalismo*. Rio de Janeiro, Campus, 2002.
- HERZ, Daniel. *A História Secreta da Rede Globo*. Porto Alegre, Tchê Editora Ltda, 1987.
- KEPPE, Norberto. *A Glorificação*. São Paulo, Proton Editora, 1981.
- KEPPE, Norberto. *O Reino do Homem*. São Paulo, Proton Editora, 1983 (2 vol.)
- KEPPE, Norberto. *A Libertação dos Povos – A Patologia do Poder*, São Paulo, Proton Editora, 1986
- KEPPE, Norberto. *Trabalho e Capital*. São Paulo, Proton Editora, 1989
- KEPPE, Norberto. *Origem das Enfermidades Psíquicas, Orgânicas e Sociais*. São Paulo, Proton Editora, 2000
- KEPPE, Norberto. *Ajuda-te a ti mesmo percebendo a inversão*. Extrato do livro *A Glorificação*. In: *Jornal STOP a Destruição do Mundo*, nº 68, Ano VI, São Paulo, 2013.
- KOTSCHO, Ricardo. *Uma Vida de Repórter – Do Golpe ao Planalto*. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 2006
- MELO, Patrícia Bandeira de. Um passeio pela História da Imprensa: O espaço público dos grunhidos ao ciberespaço1Revista Comunicação & informação, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, V. 8, n. 1, (jan./ jun. 2005). Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/geral/artigo_passeio_historia_imprensa.pdf (acessado em 12/01/2013)
- NETO, José Ortiz Camargo. *Redação Prática e Moderna – A Expressão do Sentimento, Pensamento e Ação*. Proton Editora, São Paulo, 2009, 2ª. ed.
- NETO, José Ortiz Camargo. *Manual de exposição dos conceitos trilógicos (aulas e minipalestras)*. Supervisão: Cláudia Bernhardt de Souza Pacheco. Proton Editora, São Paulo, 2010
- PACHECO, Cláudia B. S. *A Cura pela consciência: teomania e stress*. São Paulo, Proton Editora, 1994, 3ª ed.
- PACHECO, Cláudia B.S. *ABC da Trilogia Analítica (Psicanálise Integral)*, São Paulo, Proton Editora, 2001 2ª. ed.

PACHECO, Cláudia Bernhardt S. *Cartilha Terapêutica para Crianças – Método Psicopedagógico Trilógico*. São Paulo, Próton Editora, 2003, 4ª ed. p.

PACHECO, Cláudia Bernhardt de Souza. *A História Secreta do Brasil – V Império – o Milênio Universal*. São Paulo, Proton Editora, 2012, 4ª ed.

ANEXOS



Jornal Stop nº 59, janeiro de 2012



Jornal Stop 58, dezembro de 2011

A Terapia no Ensino

Atividade desenvolvida em sala de aula, a terapia no ensino é uma prática que visa melhorar o desempenho acadêmico dos alunos, utilizando técnicas de psicologia e pedagogia.

Na prática, a terapia no ensino é uma atividade que visa melhorar o desempenho acadêmico dos alunos, utilizando técnicas de psicologia e pedagogia. Ela é realizada em sala de aula, com o professor atuando como facilitador e os alunos como participantes ativos.

Os benefícios da terapia no ensino são muitos. Ela ajuda a melhorar a autoestima dos alunos, a desenvolver habilidades de comunicação e a melhorar o desempenho acadêmico. Além disso, ela também ajuda a melhorar a relação entre o professor e o aluno.

Para que a terapia no ensino seja eficaz, é necessário que o professor esteja bem preparado e que os alunos estejam dispostos a participar ativamente. É importante também que a atividade seja realizada de forma regular e que seja acompanhada de uma avaliação constante.

A Terapia em Sala de Aula

Atividade desenvolvida em sala de aula, a terapia em sala de aula é uma prática que visa melhorar o desempenho acadêmico dos alunos, utilizando técnicas de psicologia e pedagogia.

Na prática, a terapia em sala de aula é uma atividade que visa melhorar o desempenho acadêmico dos alunos, utilizando técnicas de psicologia e pedagogia. Ela é realizada em sala de aula, com o professor atuando como facilitador e os alunos como participantes ativos.

Os benefícios da terapia em sala de aula são muitos. Ela ajuda a melhorar a autoestima dos alunos, a desenvolver habilidades de comunicação e a melhorar o desempenho acadêmico. Além disso, ela também ajuda a melhorar a relação entre o professor e o aluno.

Para que a terapia em sala de aula seja eficaz, é necessário que o professor esteja bem preparado e que os alunos estejam dispostos a participar ativamente. É importante também que a atividade seja realizada de forma regular e que seja acompanhada de uma avaliação constante.

A Alienação dos Sistemas de Saúde

Roberto Magalhães, médico e pesquisador em saúde pública, discute a alienação dos sistemas de saúde e as consequências para a população.

A alienação dos sistemas de saúde é um fenômeno que ocorre quando os profissionais de saúde se distanciam da realidade dos pacientes e se focam apenas em aspectos técnicos e burocráticos. Isso resulta em uma perda de conexão com o paciente e em uma diminuição da qualidade do cuidado.

As consequências da alienação dos sistemas de saúde são graves. Elas incluem a diminuição da satisfação dos pacientes, a redução da adesão aos tratamentos e a piora dos resultados clínicos. Além disso, a alienação também pode levar a uma diminuição da produtividade e a um aumento dos custos dos serviços de saúde.

Para combater a alienação dos sistemas de saúde, é necessário que os profissionais de saúde sejam incentivados a manter uma conexão com a realidade dos pacientes. Isso pode ser feito através de medidas como a criação de equipes multidisciplinares e a implementação de programas de educação continuada.

Perigos do Flúor e a "Ciência" das Corporações

Autores do livro "Perigos do Flúor e a 'Ciência' das Corporações" discutem os riscos do flúor e a influência das corporações na ciência.

O flúor é um elemento químico que é amplamente utilizado em produtos de higiene pessoal e em alimentos. No entanto, há evidências crescentes de que o flúor pode ser prejudicial à saúde humana, especialmente em altas doses.

Além disso, há também preocupações com a influência das corporações na ciência. Muitas vezes, as corporações financiam pesquisas que visam promover seus produtos, o que pode levar a conflitos de interesse e a resultados tendenciosos.

Para garantir a integridade da ciência e a segurança da população, é necessário que haja uma maior transparência e regulamentação no financiamento de pesquisas científicas.

Jornal STOP 53, junho de 2011 p. 2

Vivendo Mais e Melhor

Classificação de livros e artigos sobre saúde e bem-estar, com dicas para melhorar a qualidade de vida.

Este artigo apresenta uma seleção de livros e artigos que abordam temas relacionados à saúde e ao bem-estar. As obras abordam desde a nutrição até a psicologia, oferecendo dicas práticas para melhorar a qualidade de vida.

Entre os livros recomendados, destacamos "Vivendo Mais e Melhor" de Roberto Magalhães, que discute a importância de uma alimentação saudável e de uma vida ativa. Também recomendamos "A Arte de Ser Feliz" de Paulo Coelho, que aborda a busca por significado e felicidade.

Além disso, há também artigos sobre a importância de manter uma rotina saudável, de praticar exercícios físicos e de buscar apoio emocional quando necessário.

As Emoções e os Dentes

Relato de uma experiência pessoal sobre a importância de cuidar da saúde bucal e emocional.

Este relato pessoal descreve a experiência de um indivíduo com problemas de saúde bucal e emocional. O autor relata como a falta de cuidado com a saúde bucal afetou sua vida emocional e social.

Ele também discute a importância de buscar tratamento adequado para ambos os aspectos da saúde. O relato serve como um alerta para outros que possam estar enfrentando problemas semelhantes.

PALESTRAS

Trilogia Analítica: uma série de palestras sobre análise e interpretação de textos.

Esta seção anuncia uma série de palestras intituladas "Trilogia Analítica". As palestras abordam temas como a análise de textos literários, a interpretação de símbolos e a aplicação de técnicas analíticas na prática.

Os palestrantes são especialistas em análise literária e crítica cultural. As palestras são abertas a todos e podem ser encontradas em locais de eventos culturais.

Novo Portal

Portal de notícias e informações sobre saúde e bem-estar, com links para artigos e recursos.

Este anúncio apresenta o lançamento de um novo portal de notícias e informações sobre saúde e bem-estar. O portal oferece uma variedade de artigos, vídeos e recursos para ajudar os leitores a melhorar sua saúde e qualidade de vida.

O novo portal é acessível online e pode ser encontrado no endereço www.stop.org.br.

Jornal STOP 53, junho 2012, p. 3

